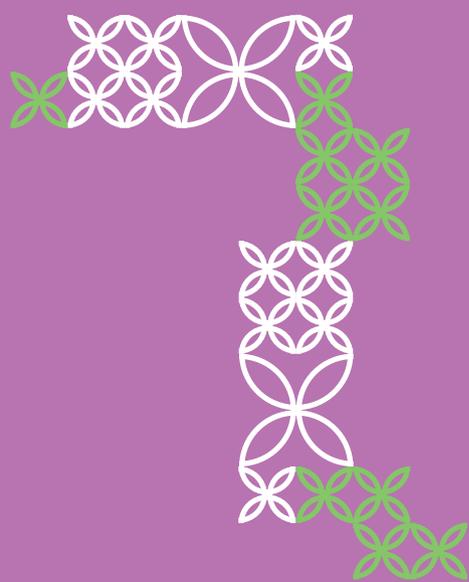




Percursos Formativos:
Saberes das Bibliotecas Comunitárias

comunicação

VOL.2



Bernadete Passos
Camila Tressino
Carlinda Lima
Danilo Ramos
Joana Chagas
Juliana Albuquerque
Layo Bulhão
Maria Chocolate
Mônica Verdam
Rafael Mussolini
Sâmia Alves

organização Adriano Guerra
Camila Leite
Érica Verçosa

**Percursos Formativos:
Saberes das Bibliotecas Comunitárias**

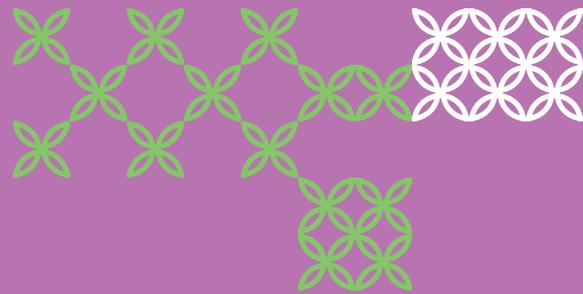
articulação

VOL.2

Bernadete Passos
Camila Tressino
Carlinda Lima
Danilo Ramos
Joana Chagas
Juliana Albuquerque
Layo Bulhão
Maria Chocolate
Mônica Verdam
Rafael Mussolini
Sâmia Alves

organização Adriano Guerra
Camila Leite
Érica Verçosa

FORMAÇÃO DE FORMADORAS E FORMADORES



Foram muitos os sentimentos que emergiram durante as reflexões que construímos para a elaboração deste texto sobre o processo de formação de formadoras e formadores. A imagem que nos tomou foi a de um grande rio em movimento. Acompanhamos a trajetória do desenvolvimento dessas águas caudalosas, que se tornaram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), desde que começaram a brotar da terra, em 2010. Testemunhamos a formação do seu leito, que pouco a pouco vai se espalhando pelo território nacional. Para que esse rio ganhasse cada vez mais força, foi preciso fortalecer suas nascentes e afluentes: as Bibliotecas Comunitárias organizadas a partir de Redes Locais de Leitura.

Uma equipe de assessoria pedagógica às Bibliotecas Comunitárias e às Redes Locais de Leitura acompanhou o desenvolvimento dessas águas, com o objetivo de contribuir para o aprofundamento dos grupos em seus processos de aprendizagens sobre os eixos: Espaço, Acervo e Mediação de Leitura, levando em consideração a realidade de cada território. Para tanto, adotou-se como princípio o reconhecimento das práticas, dos conhecimentos e dos potenciais das comunidades, estimulando a troca de saberes e a construção coletiva e colaborativa. Essa confluência de diferentes experiências gerou nos coletivos um fluxo de ações reflexivas sobre o trabalho realizado e sobre a função social, política e cultural das Bibliotecas Comunitárias em territórios nos quais muitos direitos básicos são negados.

As vivências das/os integrantes das Bibliotecas Comunitárias possibilitaram a extrapolação dos limites das suas regiões de origem, expandindo, assim, as perspectivas referentes à democratização do acesso à leitura, ao livro e à literatura. Passaram também a abranger a esfera da política pública, ampliando a consciência de que o trabalho coletivo vira correnteza, ganha força. A atuação em Rede resultou na necessidade de aprofundamento de outras dimensões do trabalho, para além do cotidiano de cada biblioteca, e são elas: a Gestão Compartilhada, o Enraizamento Comunitário, a Comunicação, a Articulação, a Incidência em Políticas Públicas e a Mobilização de Recursos.

Diante desse contexto, a atuação da assessoria pedagógica estava relacionada à facilitação dos processos de formação presencial nas Redes Locais. Em cada território, uma chuva de aprendizados era gerada, e a partir desses conhecimentos foram estruturados princípios, diretrizes, conteúdos específicos etc. Movidas/os pela riqueza dessa experiência, elaboramos uma metodologia para a formação de formadoras/es que leva em consideração, em cada etapa desenvolvida, momentos constantes de escuta, leitura, reflexão, deslocamentos, planejamentos, avaliação e ação.

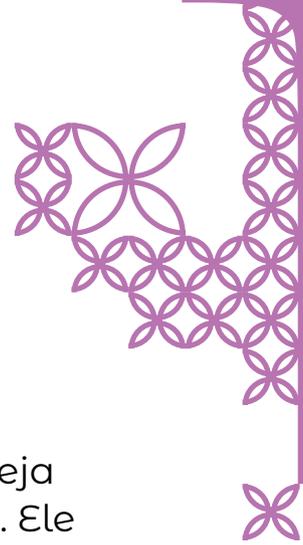
Nesse movimento aprendemos a desenvolver um olhar sistêmico para os processos de formação. Reconhecemos que cada encontro é um lugar de troca de saberes. Todas e todos têm conhecimentos que podem e precisam ser compartilhados. A partir da realidade de cada território, os/as integrantes de cada Biblioteca e de cada Rede desenvolveram, ao longo do tempo, saberes e estratégias específicas para resolver problemas, articular com parceiros, mediar leitura, organizar os espaços, se enraizar nas comunidades, incidir nas políticas públicas, entre tantas outras. Por tudo isso, esses conhecimentos precisam ser difundidos não somente para o fortalecimento da própria Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e das demais Redes parceiras, como também para a democratização desses conhecimentos para outros públicos.

Vale dizer que a metodologia de formação de formadoras e formadores valoriza, reconhece e legitima os saberes coletivos das comunidades e a potência da/do formadora/or na prática de organizar e sistematizar as experiências da sua Rede e, a partir delas, construir um planejamento da ação formativa que irá desenvolver em outra Rede, atendendo às demandas e às necessidades desta. Para tanto, em cada plano de formação construído, foi utilizada a pedagogia da pergunta, de modo que tanto quem perguntou como quem respondeu fizesse sua própria reflexão. Isso contribuiu com a autonomia do pensamento de cada formadora/or, bem como com a construção de sentidos sobre o trabalho que estava sendo realizado. O papel da assessoria nesse processo é também, e antes de tudo, o de organizar uma metodologia para a construção colaborativa de conhecimentos, que incorpore as condições para o desenvolvimento das habilidades de cada integrante da equipe de formação.

Construção coletiva e colaborativa pode ser o termo que melhor represente a experiência que chamamos de formação de formadoras e formadores. É essa experiência viva, em constante movimento de construção de sentidos e significados, que apresentamos a vocês. Mergulhem nessas águas – ora serenas, ora agitadas – repletas de conhecimentos e geradoras de processos de transformação!

1	6	Introdução
2	9	Sobre o Entre-Redes
	10	Princípios
	11	Diretrizes
	12	Objetivos
	12	Estratégias Metodológicas
	13	Etapas
3	15	Concepções sobre o eixo Comunicação
4	21	Percurso Formativo
	22	Ponto de Partida
	25	Arrumando a Mala
	29	Ponto de Chegada
	31	Desdobramentos
5	34	Sugestões de leitura e conteúdos de referência
6	43	Sobre as/os autoras/es
7	47	Anexos
	47	Anexo 1 Documento orientador para a construção do planejamento
	52	Anexo 2 Modelo do instrumento para o registro das aprendizagens de cada Rede
	59	Anexo 3 Modelo do questionário para levantamento das demandas específicas das Redes no eixo “Comunicação”
	63	Anexo 4 Documento orientador para a construção do instrumento de avaliação
	64	Anexo 5 Modelo de Planejamento (eixo “Comunicação”)
	73	Anexo 6 Modelo de Programação (eixo “Comunicação”)
	75	Anexo 7 Modelo do instrumento de avaliação do encontro de formação
	76	Anexo 8 Modelo de devolutiva para a Rede que recebeu a formação
	80	Anexo 9 Modelo do relatório de todo o processo vivenciado pelas/os formadoras/es
	83	Anexo 10 Infográfico 1 – O que é? Por que realizar? Como acontece?
	85	Anexo 11 Infográfico 2 – Demandas de formação e Rota da (trans)Formação
	87	Anexo 12 Infográfico 3 – Planejamento dos encontros de formação

INTRODUÇÃO



Eu perguntei um dia ao neurologista Oliver Sacks o que, do seu ponto de vista, era um homem normal. Ele me respondeu que homem normal, talvez, seja aquele que é capaz de contar a sua própria história. Ele sabe de onde vem (ele têm uma origem, um passado, uma memória em ordem), ele sabe onde está (sua identidade) e acredita saber onde vai (ele têm projetos, e a morte no final). Ele está, portanto, situado no movimento de um relato, ele “é” uma história e pode dizê-la para si mesmo.

JEAN-CLAUDE CARRIÈRE¹

Chegou o momento de socializarmos a nossa trajetória de formação continuada, iniciada em 2017 e desenvolvida a partir de ricas trocas de experiências entre integrantes da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). A Rede Nacional é composta por Redes Locais de Promoção de Leitura, as quais, por sua vez, são integradas por diversas Bibliotecas Comunitárias, situadas nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil.

O eixo estratégico abordado nesta publicação constitui um dos nove Percursos Formativos que pretendemos sistematizar e disponibilizar às/aos mediadoras/es de leitura, gestoras/es, coordenadoras/es, bibliotecárias/os e outras/os profissionais envolvidas/os com as bibliotecas e outras iniciativas de promoção do livro, da leitura e da literatura. A proposta é fortalecer a Área de Formação e Produção de Conhecimentos da RNBC, além de contribuir para a qualificação da atuação dessas/es profissionais, a partir do conhecimento desenvolvido nas Redes Locais de Promoção da Leitura, ao longo de anos de resistência e luta pela garantia do Direito Humano à Leitura.

Tomamos como base, para a construção dos Percursos Formativos, as experiências das Redes Locais acerca dos eixos que norteiam as práticas desenvolvidas nos diferentes territórios, nos âmbitos local e nacional. Dessa forma, cada livro que integra a Coleção Entre-Redes tratará da construção de saberes relacionados aos eixos: Espaço, Acervo, Mediação de Leitura, Gestão Compartilhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política e Mobilização de Recursos.

1. CARRIÈRE, J. Prefácio. In: *Le Cercle des Menteurs: Contes philosophiques du mond entier*. Paris: Plon, 1998.

Organizamos o passo a passo desse percurso de conhecimentos levando em consideração as diretrizes, os princípios, as metodologias, os aprendizados e as reflexões construídas a partir dos encontros de formação. Esses processos formativos alimentam a nossa prática, nossa intervenção e, ao mesmo tempo, são alimentados por elas. Nesse sentido, acreditamos e reconhecemos o potencial de todas as pessoas que integram a RNBC e buscamos fomentar um processo de formação continuada que contribua para o fortalecimento de nossa atuação.

Abordaremos nesta publicação não somente os aspectos técnicos, mas a experiência vivida e os gestos concretos de solidariedade entre as/os integrantes das bibliotecas comunitárias – em alguns momentos no papel de formadoras/es e, em outros, como formadas/os. Assim, todo o processo segue um fluxo pensado, desde o seu início, tendo em vista a construção de espaços para o acolhimento, as reflexões e a construção de sentidos comuns, num movimento em que saber algum é mais importante do que outro. Nesse processo, a declaração “não sei” é tão preciosa quanto dizer aquilo que se sabe, as divergências são tão importantes quanto as convergências, o exercício da escuta ativa é tão necessário quanto a fala, os erros geram aprendizados, e os acertos são referências.

A experiência que trazemos se desenvolve a partir de vivências que ocorrem nos campos presencial e a distância, fundamentadas nos eixos formativos mencionados anteriormente. Neste Percurso Formativo, iremos compartilhar as experiências relacionadas ao eixo “Comunicação”. Nosso intuito é democratizar essas experiências e saberes com todas as pessoas que, de diversas formas, pensam, lutam, constroem ou sonham com um país de leitoras/es.

Para comunicar a nossa história, é preciso, concordando com a ideia de Jean Claude Carrier, fazer um exercício constante de valorização de nossas origens (comunidades periféricas espalhadas pelo Brasil) e de reflexão sobre aquilo que constitui a nossa identidade – que é diversa, plural e, ao mesmo tempo, comunga com as necessidades e os objetivos que dão significado à permanente luta pela garantia da nossa existência.

Uma das formas de expressar aquilo com o qual nos identificamos e de assegurar a valorização da nossa história se dá por meio da criação de estratégias de comunicação específicas. Aprendemos na prática que a comunicação tem várias dimensões que precisam ser olhadas separadamente, pois surgem de demandas que podem ser do campo micro – comunicação entre a equipe de cada biblioteca e a equipe da organização (no caso das bibliotecas que funcionam dentro de instituições); entre a biblioteca e a comunidade; e entre a biblioteca e a sua Rede Local de Leitura. Outras vezes essas necessidades são de natureza macro, como a comunicação

que é feita pela Rede Local de Leitura no seu território e entre a Rede Local e a RNBC.

Todas essas práticas geram um fluxo de informações que alinham as ações de comunicação da RNBC no âmbito nacional e, como num movimento circular, retorna aos territórios locais, no sentido de proporcionar maior visibilidade às ações das bibliotecas comunitárias, o que resulta no fortalecimento da luta pela garantia do Direito Humano à Leitura, protagonizada por esses coletivos.

Os conteúdos da Coleção Entre-Redes estão organizados da seguinte forma: no primeiro momento, apresentaremos a metodologia da Ação Entre-Redes com seus princípios, diretrizes, objetivos e estratégias. Em seguida, traremos algumas concepções sobre o eixo “Comunicação”. Na sequência, teremos todas as informações referentes às etapas que antecedem a realização dos encontros (Ponto de Partida e Arrumando a Mala). A partir disso, descreveremos o processo de desenvolvimento dos encontros (Ponto de Chegada) e, por fim, compartilharemos os caminhos trilhados após a realização dos encontros (Desdobramentos).

Acreditamos que as trocas de experiências feitas com intencionalidade são as maiores riquezas dessa rota que, com alegria, apresentamos a vocês! É importante lembrar que “Percurso” não é programação, portanto não é estático. Percurso é caminho, passagem, trajetória, destino, caminhada, movimento... Podemos recalcular a rota a qualquer momento, pois sabemos onde queremos chegar! Que tal seguirmos juntas e juntos?

SOBRE O ENTRE-REDES



A Ação Entre-Redes é uma metodologia de formação de formadoras/es que foi desenvolvida a partir da experiência construída pelas bibliotecas comunitárias e Redes Locais de Leitura que integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) ao longo dos 12 anos de apoio do Programa Prazer em Ler (PPL), do Instituto C&A de Desenvolvimento Social. Iniciada em 2017, essa metodologia se desenvolve a partir da cooperação entre as equipes de assessoria do PPL e de formadoras/es da RNBC. Ela se constitui como ação estratégica de reconhecimento dos saberes de cada formadora/or e de sua Rede, fortalecendo as relações e os vínculos por meio de intercâmbios e da colaboração entre as Redes Locais. Contribui, ainda, para a autoformação das/dos participantes, além de valorizar o registro e a sistematização como forma de disseminar o legado do Programa Prazer em Ler e promover sustentabilidade das ações desenvolvidas.

Os encontros de formação de formadoras/es acontecem da seguinte forma:

- Encontros de formação presencial (equipe de assessoria e equipe de formadoras/es);
- Encontros de formação a distância para a construção dos diversos instrumentos construídos pelas/os formadoras/es;
- Constante troca de e-mails e contribuição das/os assessoras/res nos instrumentos disponibilizados no Google Drive;
- Cada Rede recebe e dá uma formação presencial por ano.

A metodologia da Ação Entre-Redes também pode ser explicada por meio de infográficos disponíveis para consulta nos anexos: 10, 11 e 12:

- Infográfico 1 – O que é? Por que realizar? Como acontece?
- Infográfico 2 – Demandas de formação e Rota da (trans)Formação;
- Infográfico 3 – Planejamento dos encontros de formação.

PRINCÍPIOS

SUSTENTABILIDADE

Ter como ponto de partida a garantia de que o Direito Humano à Leitura é um direito estruturante, que contribui para a garantia de outros direitos.

RESPEITO

Reconhecer todas as pessoas como indivíduos autônomos, únicos e livres.

TROCAS

Reconhecer que as experiências da/o outra/o são tão importantes quanto as minhas.

COLABORAÇÃO

Reconhecer o processo de construção, feito a muitas mãos, que gera o comprometimento individual com as ações coletivas e está pautado no respeito às diversas identidades.

DIVERSIDADE

Acolher as diferenças: etnia, raça/cor, gênero, deficiências, orientação sexual, entre outras.

PLURALIDADE

Entender que a complexidade da sociedade apresenta a multiplicidade de opiniões, de modos de viver, de

posicionamentos políticos, de formas de vivenciar a espiritualidade, de se relacionar etc.

COMPARTILHAMENTO

Entender que, quanto mais compartilhamos o que sabemos, maior será a oportunidade de ampliar os nossos horizontes a partir da experiência da/o outra/o, que é uma experiência única.

TRANSPARÊNCIA

É a base para uma conexão saudável, duradoura, que constitui o sentimento de pertencimento.

HORIZONTALIDADE

Constituir convivências horizontais, respeitando as diferenças e a diversidade, pretendendo a não hierarquização das relações.

COLETIVIDADE

Não deve haver receita pronta; os processos devem ser discutidos, pactuados e construídos coletivamente.

SOLIDARIEDADE

A relação entre as pessoas deve estar baseada na cooperação mútua, ultrapassando a

Princípios são um conjunto de normas ou padrões de conduta a serem seguidos por uma pessoa ou instituição. A conceituação dos princípios está relacionada ao começo de algo. São os pontos considerados iniciais para determinado assunto ou questão. O termo tem origem no latim *principium*, que significa “origem”, “causa próxima”, ou “início”.

concorrência, a exploração e as relações hierarquizadas e promovendo um sentimento de partilha entre as pessoas.

RECONHECIMENTO

Conscientizar-se de que viver em grupo faz parte do desenvolvimento humano e nos movimenta, no sentido de estabelecer as articulações com pessoas que tenham objetivos comuns aos nossos. Quanto mais pessoas se reconhecem nas nossas lutas, mais fortalecidas/os estamos.

ESCUTA ATIVA

Exercitar a escuta acolhedora, procurando entender, compreender e processar a informação internamente, sem julgamento de valor.

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

Expressar o que se pensa sem utilizar palavras que humilhem, envergonhem, ameacem, atribuam culpa etc. e construir diálogos a partir do exercício da empatia.

DIRETRIZES

- Promover, monitorar e avaliar todos os processos de formação;
- Mapear as necessidades de formação e o potencial das/os formadoras/es de cada Rede Local integrante da RNBC;
- Efetuar a concepção, o planejamento e a execução de todas as ações de maneira colaborativa;
- Criar e disponibilizar ferramentas de apoio às/aos formadoras/es;
- Gerar materiais de formação que contribuam para a sustentabilidade da RNBC e de outras bibliotecas comunitárias;
- Reforçar a importância da convergência, sem desconsiderar as especificidades, para o fortalecimento da RNBC;
- Valorizar a memória, o registro e a sistematização como estratégias para a disseminação do legado da RNBC;
- Fomentar o sentimento de reconhecimento e pertencimento dos integrantes das Redes Locais em relação à Rede Nacional;
- Potencializar o intercâmbio e a cooperação entre as Redes;
- Fortalecer as relações e os vínculos entre os integrantes das Redes Locais como estratégia de sustentabilidade territorial e da Rede Nacional;
- Estimular o desenvolvimento das formações como um processo contínuo (formação continuada).

Diretrizes são orientações, guias, rumos. São linhas que definem e regulam um traçado ou um caminho a seguir. Diretrizes são instruções ou indicações para se estabelecer um plano, uma ação, um projeto etc.

OBJETIVOS

Fortalecer a Área de Formação e Produção de Conhecimentos da RNBC de modo a:

- Disponibilizar à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e às Redes Locais um suporte técnico presencial e virtual para o fortalecimento dos processos de intercâmbio e formação entre as Redes, no âmbito dos seguintes eixos temáticos: Espaço, Acervo, Mediação, Gestão Compartilhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política Pública e Mobilização de Recursos;
- Sistematizar colaborativamente conhecimentos e experiências construídos por Bibliotecas Comunitárias, Redes Locais e Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), no sentido de gerar conteúdo para a plataforma de educação a distância da RNBC.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O ciclo estratégico para estruturação, experimentação e implantação da Ação Entre-Redes foi desenhado em 2017 pela equipe de assessoria do Programa Prazer em Ler e tem duração de 3 anos:

1º ANO (2017)

Construção e implementação da metodologia da área de formação e sistematização de experiências colaborativas (projeto piloto, com 6 encontros de formação e participação de 6 formadoras/res);

2º ANO (2018)

Fortalecimento e ampliação da equipe de formadoras/es e da abrangência do projeto, a partir da inserção de novas/os participantes e da integração de duas equipes (com 11 formadoras/es e 13 sistematizadoras/es);

3º ANO (2019)

Consolidação do programa de formação e produção de conhecimentos, disseminação da experiência por meio da plataforma

de formação a distância, oferta de serviço e disponibilização de materiais para as bibliotecas que integrarão a RNBC.

A metodologia desenvolvida pelo Entre-Redes tem gerado contribuições relevantes para as Redes Locais, sobretudo em relação à aproximação entre esses grupos e ao compartilhamento de saberes e experiências, configurando um importante passo rumo à consolidação de práticas sustentáveis de formação. Da mesma forma, tem possibilitado que as Redes Locais exercitem a sistematização das experiências que contribuíram para a constituição da *expertise* em seus eixos de atuação, resultando em um movimento de autorreconhecimento da capacidade de reflexão e organização de estratégias a serem utilizadas na partilha do conhecimento com outros coletivos.

A partir dessa concepção, as Redes Locais buscam lançar um olhar minucioso sobre as necessidades apontadas pelas/os parceiras/os que recebem a formação, proposta fundamental para a construção de um planejamento condizente com a realidade, que seja significativo tanto para quem irá receber a formação quanto para a/o formadora/or que compartilhará sua experiência e a de sua Rede.

Todo esse processo está amparado por materiais de referência, construídos pela equipe de assessoria, cuja finalidade é apontar caminhos a serem percorridos (questionários de levantamento do mapa das demandas formativas, planejamentos, programações, instrumentos de avaliação, relatórios e devolutiva para a Rede que recebeu formação após os encontros), além de disponibilizar textos de apoio (textos teóricos, literários, livros etc.).

ETAPAS

1. CRIAÇÃO DO MAPA

- Construção de um questionário/formulário utilizado para se fazer o levantamento das demandas de formação e a indicação de potenciais formadoras/es de cada Rede;
- Cada Rede Local indica nesse formulário, em ordem de prioridade, quais os eixos em que mais precisa de formação, sendo (1) para o eixo com maior prioridade e (9) para o de menor prioridade;
- Cada Rede Local indica no formulário o nome de dois integrantes com potencial para atuar como formadora/or em cada eixo do PPL: Espaço, Acervo, Mediação Leitura, Gestão Comparti-

lhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política e Mobilização de Recursos;

- Construção e definição dos critérios que são utilizados para a escolha das/os candidatas/os a serem formadoras/es, a partir das demandas apontadas, dos eixos a serem trabalhados e do perfil da/o formadora/or.

2. DEFINIÇÃO DA ROTA DA (TRANS)FORMAÇÃO

- Sistematização e análise das respostas enviadas pelas Redes;
- Definição dos eixos que serão foco dos encontros formativos;
- Composição da equipe de formadoras/es, que é constituída pelas/os integrantes das Redes e pela equipe de assessoria do Programa Prazer em Ler;
- Concepção de documentos orientadores que dão suporte às/aos formadoras/es para a construção dos seguintes documentos: planejamento, instrumentos de avaliação dos encontros e relatório após as formações e disponibilização de referências para suporte;
- Plano de execução da Rota da (trans)Formação – calendário anual –, que contempla os encontros de formação *on-line*, o encontro presencial de formação das/os formadoras/es, a organização da logística do encontro e a definição do acompanhamento dos encontros formativos pela equipe de assessoria;
- Disponibilização de todos os materiais teóricos e literários de suporte, pautas e registros de reuniões no Google Drive, para que todas/os possam acessar.

3. ENCONTROS DE FORMAÇÃO

- Realização dos encontros formativos com as Redes Locais, tendo como foco a troca de experiências relacionadas aos eixos: Espaço, Acervo, Mediação de Leitura, Gestão Compartilhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política e Mobilização de Recursos.

CONCEPÇÕES SOBRE O EIXO COMUNICAÇÃO



Comunicação e Comunidade são palavras que trazem a mesma raiz em sua origem etimológica – *communicatio* e *communitas*. Ambas carregam, em seu sentido original, a ideia de “tornar comum” e “partilhado por muitos”. Nesse sentido, partilhar ideias, propostas e visões de mundo com outra pessoa ou um grupo de pessoas é um direito básico de todos nós, cujo exercício é fundamental em qualquer sociedade que se pretenda efetivamente democrática. Tal compreensão constitui um dos pressupostos centrais do processo formativo desenvolvido pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, por meio do Entre-Redes: a Comunicação é tanto um direito humano como também uma estratégia para o fortalecimento das ações de promoção do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas.

Ao aprofundarmos nossa compreensão sobre a Comunicação, tendo como foco a formação das/os integrantes das Redes Locais de Bibliotecas Comunitárias, encontramos nas reflexões do filósofo Jacques Rancière o conceito de “partilha do sensível”, que guarda relação direta com a experiência que buscamos construir no âmbito da RNBC. Ao observar as relações no campo da vida política e comunitária, Rancière fala de um sistema de evidências sensíveis, “[...] que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comun* partilhado e partes exclusivas [...] a maneira como um *comun* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha[...]” (RANCIÈRE, 2009).

O filósofo francês nos apresenta uma estética para a política comunitária em que todos podem participar efetivamente da construção de seus espaços em comum. O sensível, nesse caso, pode ser relacionado ao próprio ato de comunicar, pois, se não houver formas para que o outro se expresse, não haverá comunicação nem ocorrerão os processos sensíveis para um entendimento coletivo.

Nesse contexto, investir nas comunidades e nos setores sociais mais pobres é uma estratégia para que a comunicação não seja apenas um mecanismo de opressão, mas de liberdade e mudança social. Precisamos compreender o potencial transformador de realidades que a comunicação tem na sociedade e fazê-la acessível,

considerando-a um direito humano essencial para uma vida em coletividade.

Nos processos formativos da Ação Entre-Redes, buscamos o compartilhamento de experiências e a construção de formas de partilha sensíveis, geradas nas próprias comunidades onde atuam as/os formadoras/es. Acreditamos na *Comunicação Comunitária*, ou seja, uma comunicação que se opõe à produção massiva de informação das grandes mídias. A Comunicação no Entre-Redes está relacionada à promoção de uma forma de expressão que consideramos necessária e urgente: criar condições para que as diferentes vozes das comunidades sejam reverberadas, de modo que mais gente saiba o que acontece nas comunidades sob o ponto de vista dos próprios moradores.

Talvez possamos, então, agregar à ideia de *Comunicação Comunitária* o conceito de *Comunicação Participativa*, de Martín-Barbero (2003), quando diz que a comunicação participativa transforma o processo e a forma dominante da comunicação social, possibilitando que as classes e os grupos dominados tomem a palavra, uma vez que

[...] comunicar foi e continuará sendo algo muito mais difícil e amplo que informar, pois comunicar é tornar possível que seres humanos reconheçam outros seres humanos em duplo sentido: reconheça seu direito a viver e pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Gostaríamos de destacar como exemplo duas questões que são fortes para nós. A primeira é o fato de não podermos mudar o passado, o nosso sangue indígena e africano está derramado sobre o solo dos territórios em que atuamos. Através da literatura, contudo, podemos fazer presente, nos dias atuais, a riqueza da diversidade cultural desses povos, suas histórias de lutas e resistências. A segunda é o fato de as comunidades, na maioria das vezes, serem retratadas nos meios de comunicação de massa por seus episódios de violência. Comunicar o trabalho das bibliotecas comunitárias é uma maneira de difundir as coisas boas que também acontecem nessas localidades, se contrapondo ao estigma de que são somente lugares violentos. Ou seja, a comunicação é para nós um direito de expressar aquilo que somos, sentimos e vivemos.

Nesse sentido, a RNBC tem se esforçado para construir estratégias de comunicação em duas esferas: a interna e a externa. Durante os encontros de formação, na comunicação interna foram abordados aspectos daquilo que acontece entre: as/os integrantes de cada biblioteca; suas relações com as comunidades, onde estão localizadas; as/os integrantes de cada biblioteca e a gestão compartilhada de suas Redes Locais de Leitura; a Rede Local e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Já na comunicação externa foram trabalhados os aspectos que envolvem a comunicação das bibliotecas e Redes com os diversos setores públicos e privados e com a sociedade em geral.

Esses aspectos fornecem as bases para que a comunicação se desdobre em diversas dimensões, resultando na criação de estratégias de fortalecimento e reconhecimento do trabalho prestado pelas bibliotecas comunitárias e suas Redes Locais em cada território. São elas:

1. COMUNICAÇÃO E ENRAIZAMENTO COMUNITÁRIO

Para que cada biblioteca crie raízes profundas em seus territórios, é preciso construir o sentido de pertencimento por parte das pessoas da comunidade. Quando nos identificamos com algum lugar e nos sentimos pertencentes a ele, maior será a necessidade de estarmos integradas/os a ele e lutarmos por sua existência. Por isso foi bem importante mapear as ações de comunicação das Redes que receberam formação nesse eixo. A seguir registramos algumas perguntas que foram feitas:

- a. As Bibliotecas Comunitárias da Rede possuem placa/sinalização externa?
- b. A Biblioteca expõe sua programação em local visível ao público (mural/informativo, divulgação na rádio comunitária, bicicleta som, caso exista na comunidade, outros)?
- c. A Biblioteca possui perfil em redes sociais? Se sim, quais?
- d. Com que frequência esses perfis são atualizados? Informações sobre endereço e telefone da biblioteca são divulgadas? Existe equipe responsável por esse trabalho? Esses perfis indicam que a biblioteca faz parte de uma Rede Local de Leitura?
- e. A Biblioteca possui um endereço eletrônico (e-mail)?

2. COMUNICAÇÃO E GESTÃO COMPARTILHADA

Ao longo do tempo, precisamos olhar com clareza para alguns aspectos da gestão compartilhada. Destacamos que todos/as os/

as participantes assumem algum tipo de função/responsabilidade nas ações coletivas da Rede e nos espaços de representação. Nesse sentido, foi preciso desenvolver:

- Construção coletiva de um plano estratégico de comunicação com objetivos a serem alcançados a curto, médio e longo prazos;
- Definição de uma pessoa que assumisse a função de comunicadora/or da Rede;
- Criação de um Grupo de Trabalho (GT) de Comunicação para lidar com as seguintes atribuições:
 - a. Promover a comunicação interna da Rede, por meio de e-mails, socialização das atas das reuniões, informes, resumos, relatórios etc.;
 - b. Divulgar as ações da Rede das bibliotecas por meio de ferramentas como Facebook, Instagram, Youtube, blogs, pôlderes e panfletos;
 - c. Realizar articulação com outras Redes, bibliotecas públicas, escolas, escritores e demais atores do setor do livro, da leitura e literatura;
 - d. Efetuar a publicidade de eventos e atividades realizados pela Rede Local, por meio de placas, faixas, adesivos, camisas, pôlderes, *banners* e demais materiais publicitários.

Importante destacar que, seguindo os princípios da gestão compartilhada, a/o comunicadora/or é a pessoa de referência para as ações de comunicação, mas todas/os as/os integrantes também se responsabilizam pelo desenvolvimento e monitoramento das ações e atividades previstas no plano de comunicação das Redes Locais.

3. COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

A principal bandeira de nossa luta é a garantia de direitos. Partindo do entendimento de que a leitura é um direito humano estruturante para a garantia de outros direitos sociais e que a biblioteca é, por excelência, o local onde esse direito pode ser acessado, apresentamos algumas estratégias de comunicação para mobilização social, desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias e Redes Locais de Leitura:

- a. Realizar encontros sistemáticos com as/os frequentadoras/es das bibliotecas e demais lideranças da comunidade para con-

versar sobre o Direito Humano à Leitura e produzir materiais com linguagem acessível;

- b. Mapear Redes, pessoas, movimentos, grupos, coletivos, instituições públicas e privadas que também lutam pela garantia de direitos humanos;
- c. Elaborar materiais para campanhas publicitárias voltadas para a causa do Direito Humano à Leitura e que abordem a importância da leitura literária, a existência e o funcionamento das bibliotecas comunitárias, públicas, escolares e outras;
- d. Realizar seminários, encontros de formação, audiências públicas, passeatas, manifestos *on-line*, entre outras estratégias, para dar visibilidade à luta.

Nos encontros do Entre-Redes sobre Comunicação, tivemos como base os planos de comunicação das Redes que receberam a formação. Temos feito um grande esforço para que cada biblioteca, cada Rede Local e a Rede Nacional tenha seu plano de Comunicação, alinhando os procedimentos de comunicação em todas as esferas (comunidade, território local e Brasil) em prol de uma mobilização nacional.

Para Toro e Werneck (2004, p. 13), mobilizar é “[...] convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados[...]”. Foi isso o que fez a jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai, vencedora do Prêmio Nobel da Paz em 2014, e hoje ela é um grande exemplo da importância do poder da comunicação. Acreditando na força de sua voz, pôde lutar contra a exclusão das crianças e dos jovens e pelo direito de todas/os à educação.

Devemos fortalecer a luta e dizer: “Eu Sou Malala”. Com a mesma força, podemos dizer: “Eu Sou RNBC”, pois o que acontece nessa Rede em relação à comunicação interna, que prima pelo fortalecimento da Gestão Compartilhada (respeito às vozes de cada integrante), deve ser um exemplo para todas/os e em todos os lugares onde se quer fazer política participativa, se é que não podemos dizer, uma política sensível.

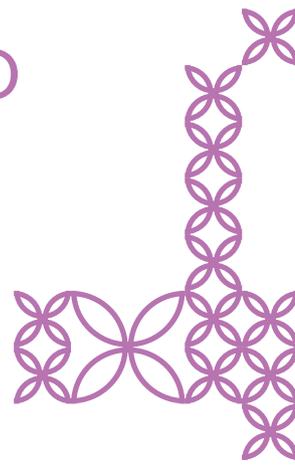
Concluimos que a grande luta das Bibliotecas, das Redes e, conseqüentemente, da RNBC é a garantia do Direito Humano à Leitura, de forma especial à leitura de literatura, para todas/os. Esse movimento acontece a partir da necessidade de mudanças sociais, e isso implica na participação nos vários níveis possíveis de comunicação. Discutimos essa participação como uma estratégia para ampliar o exercício da participação cidadã. Nesse sentido, podemos dizer, mais do que nunca: “ninguém solta a mão de ninguém”, e a comunicação é uma aliada nesse movimento.

Estamos localizadas/os em diferentes regiões de um país com dimensões continentais, mas lutamos juntas/os pelo mesmo objetivo. Temos os ouvidos grandes de Cazumba² e sabemos ouvir, somos Caboclo de Lança³ e temos um cravo em nossa boca que guarda nosso segredo e nossa resistência. Somos o som dos tambores⁴ e, mesmo nos momentos mais difíceis, continuaremos fortalecendo a nossa comunicação como uma das principais estratégias de mobilização social em prol da transformação da sociedade.

2. Cazumba – Personagem da cultura popular maranhense que geralmente tem grandes ouvidos e aparece para ressuscitar o Boi no Auto do Bumba-Meu-Boi. É comparado à figura do pajé, ou curandeiro, e representa o espírito da natureza.

3. Caboclo de Lança – Personagem do Maracatu Rural de Pernambuco, símbolo da cultura pernambucana. É o lanceiro africano, caboclo de guiada ou guerreiro de Ogum que leva consigo uma flor de cravo na boca, para guardar um segredo.

4. Som dos Tambores – É a comunicação produzida pelos tambores africanos, cujo som serve para avisar, informar e celebrar. Somente quem entende o que os tambores dizem são os que partilham um lugar comum.



Os encontros formativos do Entre-Redes para troca de saberes e experiências tiveram início em 2017 e, entre as atividades realizadas, uma foi específica no eixo “Comunicação”. Em 2018, o número de encontros aumentou para dois. Na dinâmica que definiu quais seriam as Redes Locais envolvidas nos encontros, os coletivos responderam a um questionário, onde indicaram os eixos que, a partir das suas experiências, tinham se tornado fortalezas e os eixos que ainda necessitavam de maior aprofundamento, conforme descrevemos anteriormente ao falarmos das etapas do Entre-Redes. A partir desse mapeamento, buscamos entrelaçar as respostas, como demonstrado a seguir.

A Rede Jangada Literária (CE) apontou o eixo “Comunicação” como uma das suas fortalezas. A Releitura (PE) indicou o eixo em questão como um dos temas que precisaria de aprofundamento. Dessa forma, a Rede Jangada Literária indicou uma formadora para trocar experiências e saberes com a Releitura. Podemos ver adiante como essa metodologia foi aplicada em outras Redes:

Rede formadora	Formadora/or	Eixo	Rede que recebeu formação
Sou de Minas, Uai! – MG (2017)	Rafael Mussolini	Comunicação	Ilha Literária – MA
Ilha Literária – MA	Layo Bulhão	Comunicação	Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS) – BA
Jangada Literária – CE	Sâmia Ellen	Comunicação	LiteraSampa – SP Releitura – PE

Para que cada encontro fosse possível, as/os formadoras/es tiveram de percorrer um longo caminho desde a construção dos aprendizados junto à sua Rede Local até a devolutiva para a Rede na qual realizou a formação. A seguir, vocês verão cada passo, detalhadamente, e poderão se inspirar para realizar ações na sua comunidade.

PONTO DE PARTIDA

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos⁵.

As/os formadoras/es são seres individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, pois incorporam os saberes construídos em grupo e os transformam em aprendizados com significados subjetivos. Em outras palavras, o indivíduo é o reflexo da experiência coletiva, e, nesse sentido, o desenvolvimento da Ação Entre-Redes tem impulsionado o fortalecimento do espírito de coletividade entre os sujeitos que integram as bibliotecas comunitárias.

Assim, o início da nossa trajetória dentro do Entre-Redes foi marcado pela tarefa de nos reunir com os integrantes das bibliotecas onde atuamos e registrar todos os aprendizados construídos relacionados ao eixo “Comunicação”. Esses foram momentos muito especiais, que nos possibilitaram resgatar e olhar atentamente para os aprendizados pertencentes ao campo da subjetividade e os que foram desenvolvidos coletivamente.

Era a hora de revisitar tudo o que foi construído pelas Redes Locais, desta vez, a partir de um olhar amadurecido pelo tempo e por outras experiências. Nesse momento, foram analisadas as conquistas, os insucessos, os desafios, o que foi realizado e o que foi deixado para trás. Assim, todo esse processo possibilitou às/ aos formadoras/res sistematizar os aprendizados desenvolvidos, dando as condições para que pudessem compartilhar a história dos seus coletivos de origem com as demais Redes.

Talvez um dos maiores desafios para cada formadora/or, nesse processo, tenha sido o de se perceber enquanto pessoa responsável por sistematizar experiências tão significativas para um grupo específico, bem como o de reconhecer que esses saberes podem ser compartilhados com outras pessoas que estão no mesmo campo de atuação.

Em paralelo às atividades promovidas junto à Rede Local de origem, cada formadora/or teve de realizar leituras de textos na área da Comunicação. Boa parte do material estudado tratou do tema sob a perspectiva dos direitos humanos, mas também trazia conteúdos relacionados a estratégias para a visibilidade das bibliotecas que integram as Redes e, de forma transversal, sobre enraizamento comunitário, mobilização de recursos, articulação política e sustentabilidade.

Esse mergulho na literatura, somado à aplicação de um questionário que buscava identificar as estratégias utilizadas e as demandas específicas da Rede Local que receberia a formação em relação

Começando a jornada formativa: atividades que antecedem o planejamento dos encontros de formação nas Redes. Instrumentos construídos: Registro das Aprendizagens de cada Rede; Questionário para levantamento das demandas específicas de formação; Leitura do referencial teórico.

5. FREIRE, P. Política e educação: ensaios / Paulo Freire. 5. ed. **Coleção Questões de Nossa Época**, v. 23, São Paulo: Cortez, 2001.

ao eixo “Comunicação”, deram os subsídios necessários à construção do planejamento do encontro. O questionário em questão foi elaborado, em conjunto, pelas/os formadoras/es – que enviavam a versão inicial do planejamento – e pela assessoria do programa que, a partir de uma análise crítica, sugeria alterações, acréscimos de informações etc., levando em consideração algumas dimensões:

- Grupo de Trabalho de Comunicação/ Comunicador: quais são as pessoas responsáveis pela comunicação na Rede Local e como é a dinâmica de trabalho de cada uma/um para que a comunicação seja efetiva?
- Plano de Comunicação: a Rede Local possui plano de comunicação? Seu cronograma é atualizado? Existe monitoramento sistemático? Quais as ferramentas e os meios de comunicação utilizados?
- Comunicação interna/Comunicação externa: como o fluxo de comunicação entre as pessoas da Rede se desenvolve e quais são as ferramentas utilizadas para facilitar a comunicação entre seus integrantes, com seus parceiros e com o público em geral?
- Comunicação e Enraizamento Comunitário: quais são as estratégias de comunicação na comunidade e de que forma as/os frequentadoras/es da biblioteca são inseridas/os nos processos de tomadas de decisões da biblioteca?
- Comunicação e Articulação Política: a Rede Local possui material específico de comunicação para ser enviado às Secretarias de educação, de cultura ou de direitos humanos, aos vereadores, prefeitos etc.?
- Comunicação e Sustentabilidade: a Rede Local possui estratégias de sustentabilidade cultural, de sustentabilidade política, além de clareza quanto às necessidades relacionadas a recursos humanos e financeiros? A identidade visual e as peças gráficas têm facilitado a efetivação de parcerias?
- Comunicação e Mobilização: a Rede Local possui estratégias de mobilização social? Essas estratégias têm contribuído com a luta pela garantia de direitos?

De posse dessas informações, as/os formadoras/es e a assessoria puderam compreender melhor a dinâmica de cada Rede Local em relação à sua comunicação e priorizar, no planejamento, os assuntos que precisavam de maior atenção. Além disso, o material serviu para ajudar a definir os objetivos, traçar as estratégias, escolher as dinâmicas, os textos teóricos e os livros literários, gerenciando-se cuidadosamente o tempo destinado a cada atividade.

Ter como ponto de partida as necessidades de formação de cada Rede Local e as aprendizagens desenvolvidas pela Rede de origem da/do formadora/or no eixo “Comunicação” foi fundamental para que o encontro de formação tivesse o melhor aproveitamento. A construção de sentidos para as/os formadoras/es e para todas e todos que participaram dessas trocas de saberes foi a principal riqueza, pois tudo contribuiu para o desenvolvimento individual e coletivo dessa turma!

Vale ressaltar que os momentos de diálogo, de construção coletiva e reflexão nesta primeira etapa, especialmente nas reuniões realizadas com nossas Redes e com a equipe de assessoria e de formadoras/es do Entre-Redes, foram fundamentais para gerar aprendizados relevantes, que acabamos por levar para os encontros formativos que realizamos. Destacamos alguns:

- Respeitar mais o tempo da/o outra/o;
- Exercer a escuta em vez da fala meramente expositiva, constante e ininterrupta;
- Olhar com mais carinho e acolhimento para a/o outra/o;
- Ser mais atenciosa/o com o que nos é dito (positiva e negativamente);
- Reconhecer o enorme potencial formativo que as/os integrantes da RNBC possuem;
- Reconhecer a capacidade de sistematização de toda essa experiência e de produzir conteúdos, como este Percurso Formativo;
- Ressignificar as concepções sobre o ato de planejar, executar, avaliar e registrar, bem como se conscientizar sobre a importância dessas etapas para o desenvolvimento da ação.

Caminhos percorridos pelas/os formadoras/es

<p>Documento 1 Registro dos conhecimentos desenvolvidos na Rede sobre o eixo “Comunicação”</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resgate e registro (coletivo) dos conhecimentos acumulados pela Rede formadora acerca do eixo “Comunicação” (aprendizagens, descobertas e desafios). Esse documento deu suporte à/ao formadora/or para que fossem definidas as estratégias utilizadas para se alcançar os objetivos da formação.
<p>Documento 2 Questionário para colher informações específicas sobre as demandas de formação das Redes Locais quanto ao eixo “Comunicação”</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O eixo “Comunicação” abrange várias dimensões. Cada formadora/or, com base na experiência de sua Rede no desenvolvimento desse eixo, construiu e enviou um questionário para as Redes, com um prazo de 10 dias para ser respondido; ▪ As Redes Locais que receberam a formação foram orientadas a responder ao questionário de forma coletiva (garantindo a participação do maior número de pessoas possível), e esse foi um aspecto imprescindível para o desenvolvimento da ação; ▪ A partir da devolutiva de cada Rede, foram feitas as análises das respostas e definidos os objetivos dos encontros de formação.

ARRUMANDO A MALA

Planejar é preciso!

Nem todo mundo acredita na importância de haver um planejamento consistente por trás do desenvolvimento de uma atividade. Às vezes, é necessário dedicar muito do nosso tempo e agir com persistência para que o planejamento tenha sentido e ocupe centralidade nos processos formativos.

Pode até parecer contraditório, mas percebemos que, muitas vezes, nossos planejamentos cumpriam apenas função burocrática. Elaborávamos planejamentos porque nos era solicitado e não nos dávamos conta da poderosa ferramenta que tínhamos nas mãos, já que o planejamento é uma “[...] atividade consciente de previsão das ações [...], fundamentadas em opções político-pedagógico, tendo como referência permanente as situações didáticas concretas [...]”. (LIBÂNEO, 1992, p. 222).

As trocas com a equipe de assessoria nos deram os subsídios para compreender o planejamento enquanto um caminho a ser seguido e que, como toda trajetória, é passível de mudanças. Também nos possibilitaram entender que o principal aspecto a ser considerado na construção de um planejamento é a aproximação com as necessidades do grupo para o qual está sendo direcionado. Assim, ao longo da experiência proporcionada pela participação no Entre-Redes, aprendemos que alguns processos de comunicação são comuns, mas cada Rede possui demandas, dificuldades e habilidades específicas.

A principal característica da/do formadora/or que participa do Entre-Redes é que ela/ele leva na sua bagagem os aprendizados que foram construídos no seio da sua Rede Local. Tendo isso em mente, e partindo das informações fornecidas pelas Redes que receberão a formação (necessidades relacionadas ao eixo), os objetivos e as estratégias metodológicas do encontro ganham forma no planejamento, que, por sua vez, vai caminhando no sentido de proporcionar aprendizagens para todas as pessoas envolvidas na formação – anfitriãs/ões e viajantes.

A partir dos objetivos, pudemos relacionar as dinâmicas, as leituras, as ações coletivas e os momentos de reflexão em torno de pontos importantes para a Rede. Foi preciso definir o que seria abordado – comunicação interna e externa, comunicação nas mídias sociais, fotografia etc. –, bem como o tempo necessário para que cada tema pudesse gerar reconhecimento, pertencimento e trocas entre o grupo.

As datas e os locais em que se realizaram as formações foram decididos em conjunto pelas/os formadoras/es, assessoras/es e

Preparando os encontros de formação: atividades que antecedem a realização dos encontros. Instrumentos construídos: Planejamento do encontro; Programação; Questionário e formato da avaliação.

Rede Local, visando ao diálogo entre o tempo necessário para o planejamento da formação, a preparação para a logística do encontro (transporte, alimentação) e a máxima participação dos integrantes da Rede. Vale destacar também que era de extrema importância levar em consideração o tamanho do espaço, tendo em vista a possibilidade de dispor as/os participantes em círculos e possibilitar a realização de dinâmicas que envolviam movimentos corporais. Assim, na maioria das vezes, as bibliotecas comunitárias foram utilizadas para receber os encontros, o que, além de aconchego, também possibilitou o sentimento de pertencimento e o olhar direto para as práticas do dia a dia.

Outro ponto importante a ser pensado durante o planejamento é a necessidade de levar em consideração o deslocamento de cada integrante da Rede até o local da formação; os intervalos para refeições; e, ainda, o tempo para que cada ação pudesse ser realizada com calma, garantindo trocas e as falas de cada uma/um. Por isso, aqui, o mais importante não é a quantidade de ações/atividades/leituras, mas o quão potente elas podem se tornar para esse grupo. Aprendemos, então, que durante o processo de desenvolvimento do planejamento (realização do encontro) é fundamental que a/o formadora/or exerça a escuta ativa, a fala carinhosa.

Para finalizar a arrumação da nossa mala, destacamos, a seguir, algumas avaliações do processo, em que as/os integrantes das Redes trazem as suas percepções sobre o encontro, as dinâmicas realizadas e a atuação da/o formadora/or. Essa devolutiva nos ajuda a pensar os próximos encontros e garantir que eles se tornem cada vez mais orgânicos.

Ao arrumar a sua mala, Layo Bulhão escreveu:

SOBRE COMUNICAÇÃO

- *O diálogo deve ser o ponto inicial para cada questão a ser resolvida em coletividade;*
- *Calma e paciência para explicar uma, três ou vinte e sete vezes, caso seja necessário;*
- *Pessoas não compreendem de formas iguais, em tempos iguais;*
- *Palavras têm muitos significados, portanto escolha cada palavra com carinho e atenção;*
- *Tenha certeza de que o que você deseja comunicar está chegando para todas as pessoas;*
- *O percurso pode ser percorrido de diversas maneiras;*
- *Olhar nos olhos faz toda a diferença na hora da comunicação;*

- *Se os olhos não forem possíveis, seja direto, simples e não omita informações;*
- *A indiferença agride e se transforma logo em imposição;*
- *A mentira é o oposto da comunicação;*
- *A agressão impede a escuta, mesmo para aqueles que desejam ouvir, pois fere os outros sentidos;*
- *A essência, ou a beleza das trocas, se esconde no vazio de cada pessoa ou se perde na multidão de egos de quem não pratica a escuta viva.*

A COMUNICAÇÃO REQUER TEMPO

- *Quanto maior o tempo de trocas, diálogos, falas não violentas, vazios, mais nítidas as questões se apresentam e se resolvem;*
- *A velocidade da informação exigida na atualidade pode deixar as pessoas violentas umas com as outras;*
- *A pressa é inimiga da comunicação e irmã siamesa da imposição;*
- *Cada uma/um habita um tempo diferente, mesmo estando no mesmo lugar;*
- *O relógio, o calendário, são medidas exatas convencionais;*
- *O tempo humano não é exato;*
- *Se não respeitar o tempo da/o outra/o, vai agir com violência;*
- *A imposição do seu tempo à/ao outra/o vai preencher os dois lados da ampulheta e não haverá mais vazios de tempo para a comunicação acontecer;*
- *O silêncio é muito importante em todo diálogo;*
- *Se falamos o tempo inteiro, não haverá espaço para reflexão.*

Caminhos percorridos pelas/os formadoras/es

<p>Documento 3 Planejamento da formação (orientadora/or para a/o formadora/or)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Construção de um planejamento detalhado, para orientação da/o formadora/or no momento da troca de experiências;▪ Definição do tempo destinado ao encontro de formação e do número de pessoas que irão participar;▪ Identificação do tempo em que as pessoas estão articuladas na Rede e as funções desenvolvidas pelas/os participantes na Rede;▪ Definição dos objetivos da formação, a partir das respostas do questionário (Doc. 2);▪ Definição das estratégias a serem utilizadas para se alcançar os objetivos propostos. Os registros das aprendizagens de cada Rede no eixo “Comunicação” (Doc. 1) ajudam nessa construção;▪ Descrição de todas as etapas a serem percorridas no tempo determinado para a formação. Os encontros de formação relatados tiveram a duração de dois (2) dias;▪ Registro de todas as dinâmicas, formatos de grupos de trabalho, plenária, rodada de conversa, entre outras atividades;▪ Elaboração e envio da lista de materiais necessários à formação e que serão solicitados à Rede parceira;▪ Elaboração e envio da lista de presença.
<p>Documento 4 Programação do encontro de formação (socializada com as/os integrantes da Rede)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Preparação da programação (planejamento sem detalhamento) a ser entregue à Rede Local que receberá a formação, antes do encontro. Nela devem constar:<ul style="list-style-type: none">▪ Data: definida em conjunto com a Rede que receberá a formação e que deve ser pensada no sentido de possibilitar a participação de todas e todos;▪ Local: definir um ou mais locais que favoreçam a logística do encontro. É importante acomodar as pessoas de forma aconchegante e possibilitar a disposição destas de forma circular;▪ Horários: definir os horários de início e de término de cada atividade e garantir os tempos para os intervalos (lanches, almoço etc.);▪ Objetivo do encontro de formação: apresentar os objetivos do encontro e os conteúdos a serem trabalhados.
<p>Documento 5 Instrumento de avaliação dos encontros</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Construção do instrumento de avaliação de cada encontro, tendo em vista algumas reflexões:<ul style="list-style-type: none">▪ O que você entende por avaliação?▪ Para que avaliar os processos de formação? (quais as intenções).▪ Após responder essas questões e revisitar o planejamento, a/o formadora/or deverá construir o instrumento de avaliação, partindo das seguintes reflexões:<ul style="list-style-type: none">▪ Quais aspectos da formação deverão ser considerados a partir do olhar de quem participou?▪ Você acha que a atividade funcionou? As/Os participantes têm algo a sugerir?

PONTO DE CHEGADA

Chegava a hora de colocar em prática tudo o que foi planejado com muita atenção e carinho. Passamos um tempo significativo nos preparando para esse momento! Tudo o que se experienciou antes dos encontros foi essencial e contribuiu para que as/os facilitadoras/es sentissem a segurança necessária para mediar as discussões que integrariam a formação. Agora tínhamos o desafio de aterrizar em um território que é comum e desconhecido ao mesmo tempo e desempenhar o importante papel, que é o de ser uma ponte. Essa ponte, como nos ensina Lenine⁶, “[...] não é para ir nem pra voltar, [...] é somente pra atravessar, [...] caminhar sobre as águas desse momento [...]”.

Era, então, o momento de olhar, abraçar cada pessoa e ouvir as suas expectativas. As turmas das Redes foram acolhedoras, sempre exercitando a escuta ativa, e cada pessoa, dentro da sua subjetividade, levou suas contribuições, inquietações, ideias etc., fazendo com que aquela experiência fosse ainda mais enriquecedora. Cada encontro foi único, mesmo quando se tratava do mesmo eixo formativo, pois cada Rede tem a sua história, e precisávamos partir desta para que todas as etapas da formação fossem desenvolvidas.

Ao longo do tempo compreendemos a importância e os sentidos de estar em grupo. Fomos estabelecendo um conjunto de práticas que se desenvolve ciclicamente, como um ritual, criando entre as/os participantes uma atmosfera de respeito, cumplicidade, acolhimento e enfrentamento e contribuindo para que as trocas aconteçam de forma horizontal e fortaleçam a identidade do grupo. Sempre que é preciso, recorreremos às palavras de Madalena Freire⁷:

A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso com a história.

A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável.

A cada encontro: descobrimentos de terras ainda

A realização do encontro de formação: atividades e processos desenvolvidos durante o encontro nas Redes.

6. LENINE. A ponte. **O dia em que faremos contato**. Rio de Janeiro: SONY/BMG, 1997. CD.

7. Madalena Freire – “O que é Grupo?”. Disponível em: <http://subsidiospj.blogspot.com/2011/03/o-que-e-grupo.html>.

não desbravadas...

Grupo é grupo...

Com essa acuidade, começamos o dia. Preparamos o corpo, o espírito e a mente, logo no início da manhã. No momento do acolhimento, em que são realizadas dinâmicas de integração, exercícios e danças interativas, buscamos nos conectar com nosso corpo, nossa subjetividade e convocar a presença plena de todas/os as/os participantes. Posicionamo-nos em círculo, como se estivéssemos ao redor de uma fogueira, tal qual fazem os povos tradicionais em reconhecimento a esse movimento ancestral.

Seguimos com uma mediação de leitura e garantimos uma rodada de reflexão a partir do que foi lido. Isso facilita a interação entre o grupo e a formadora/or, gerando a energia que deverá ser mantida até o fim do encontro. A participação e o engajamento dos integrantes da Rede nas atividades realizadas são essenciais para a obtenção dos resultados.

Terreno preparado. Agora iremos falar sobre o conteúdo central da formação – a “Comunicação” desenvolvida pelas Redes. Colocaremos em prática as atividades que foram planejadas – é a metodologia em ação. Sabemos que o planejamento é um instrumento indispensável para o momento formativo, mas ao mesmo tempo devemos levar em consideração que este é flexível; por isso, é preciso que estejamos preparadas/os para algumas mudanças e termos sempre uma “carta na manga” ou um “Plano B”.

Entretanto, não devemos abrir mão de algumas atividades, como partilhar o que levamos do nosso território – a música, a poesia, a literatura, as brincadeiras populares, bem como os saberes construídos pela Rede Local da qual fazemos parte. Isso possibilita ao grupo que está recebendo a formação perceber as semelhanças e diferenças entre as experiências relatadas, fortalecendo o sentimento de horizontalidade.

No fim do dia, reservamos sempre um momento especial para reflexão sobre tudo o que aconteceu durante o encontro. Solicitamos às/aos participantes o relato dos aspectos da formação que fizeram (e que não fizeram) sentido e pedimos sugestões para o dia seguinte. Retornamos ao movimento inicial do acolhimento. Ficamos em círculo, nos olhamos novamente, trocamos energias e pactuamos nossa volta no dia seguinte, caso não seja o último dia de encontro. Os encerramentos dos encontros geralmente são marcados pela realização de saraus, rodas de histórias, brincadeiras e outras atividades que avivam o nosso sentido para seguirmos firmes na luta pelo fortalecimento de cada pessoa, cada biblioteca, cada Rede Local.

As/Os formadoras/es do Entre-Redes construíram diretrizes comuns, as quais passaram a orientar a realização de todos os encontros formativos:

- Criar momentos de acolhidas para começar o dia;
- Possibilitar momentos para mediação de leitura literária e de textos teóricos;
- Iniciar as atividades da tarde sempre promovendo atividades que envolvam movimentos corporais;
- Garantir espaços para o encerramento (fechar o ciclo de cada dia com saraus, contação de histórias, cantorias, rodas de brincadeiras populares etc.);
- Exercer a escuta ativa da memória dos integrantes das Redes sobre o tema (levar em consideração conhecimentos prévios);
- Cuidar dos tempos das falas, preocupando-se em não atropelar os processos de organização do pensamento das pessoas nem permitir que se estendam demais;
- Fazer modificações no percurso traçado, caso seja necessário;
- Evitar o julgamento do que é certo ou errado no diálogo com as/os participantes;
- Apresentar sugestões, possibilidades de ação que considerem o contexto específico de cada Rede;
- Garantir o registro de cada dia de encontro por meio de atas e fotografias.

DESDOBRAMENTOS

O Percorso Formativo não é iniciado no primeiro dia de encontro, ou finalizado no último. Para além dos momentos preparatórios que antecedem a formação presencial e do encontro em si, é necessário continuar garantindo o diálogo e a formação continuada entre as Redes. Esse processo é fortalecido por meio dos intercâmbios que acontecem virtualmente e por meio de relatórios (construídos a partir das necessidades observadas no primeiro ciclo formativo iniciado em 2017, ou seja, demandado pelas próprias Redes), que servem como uma devolutiva para a Rede Local que recebeu a formação.

Acordos e encaminhamentos: atividades planejadas pelas Redes para serem executadas depois do encontro de formação. Instrumento construído: Relatórios dos encontros.

Após a mediação dos encontros formativos, as/os formadoras/es têm o desafio de construir dois instrumentos. São eles:

- Devolutiva para a Rede que recebeu a formação. Nesse documento, a Rede local formadora oferece um *feedback* com sugestões e observações baseadas no processo vivido durante o intercâmbio – as questões discutidas e os encaminhamentos que foram definidos durante o encontro;
- Relatório contendo os registros mais gerais, onde cada formadora/or destaca as suas impressões sobre todo o percurso vivenciado, contemplando três questões específicas:
 1. Registros de todo o caminho percorrido pelas/os formadoras/es na fase inicial de construção dos instrumentos de orientação e desenvolvimento da atividade (Planejamento, Programação do Encontro e Avaliação), pontuando as descobertas, as aprendizagens e os desafios;
 2. Registros referentes à etapa de execução da formação: percepções da/o formadora/or, a partir do desenvolvimento da programação proposta, das possíveis mudanças ocorridas, bem como da integração e reação do grupo;
 3. Registro fotográfico da atividade, incluindo cinco fotos, no máximo, para cada dia de encontro.

A escrita do relatório deve acontecer nos 15 dias que sucedem a formação. É um trabalho bastante desafiador, pois muitas vezes as/os formadoras/es não saem com respostas, mas com vários questionamentos sobre as práticas da Rede e sobre as suas próprias práticas. Por isso é necessário um tempo para que seja possível “acomodar” todas as informações e sentimentos absorvidos nos dias do encontro.

O processo de escrita das devolutivas para as Redes demanda revisitar o planejamento, os registros das percepções de cada formadora/or sobre o encontro e as respostas das/os integrantes das Redes aos instrumentos de avaliação dos encontros. Como exemplo das devolutivas que fizemos para as Redes, registramos aqui alguns tópicos que foram destaque em cada Rede:

- Rede LiteraSampa (SP): “Comunicar-se. Como? Por quê? Para quê?” Para responder a essas perguntas, segundo a experiência da formadora Sâmia Ellen (CE), ficou evidente a necessidade de traçar o perfil do público de cada biblioteca;
- Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (BA): “O que é comunicação?” Essa foi a pergunta que desencadeou as atividades sobre a necessidade de melhorar a comunicação entre as bibliotecas e suas comunidades e entre as bibliotecas e a Rede;

- Releitura (PE): “Quantas e quais são as pessoas responsáveis pela comunicação da Rede?” A reflexão sobre o papel do comunicador e do GT de Comunicação instigou o grupo a refletir sobre a importância de o Plano de Comunicação estar atualizado e sobre importância do envolvimento de todo o grupo nas atividades de comunicação da Rede.

Nos anexos deste livro, vocês poderão se dedicar à leitura do instrumento de devolutiva que foi feito para a Rede Releitura.

É preciso garantir um tempo para a produção desses documentos, que devem procurar dar informações técnicas, sem perder a sensibilidade (que deve ser uma das características da/o formadora/or). Deve-se levar em consideração também que a/o formadora/or traz um olhar diferenciado sobre a dinâmica do coletivo, mas não é dona/o de uma verdade absoluta. Sendo assim, a/o formadora/or deve ter um olhar bastante respeitoso, fazendo uma análise do que ela/ele percebeu, mas sem invadir o espaço do grupo. O cuidado com a forma de escrever é fundamental nesse processo, pois a comunicação depende não só de quem anuncia a mensagem, mas também de quem a recebe. Sendo assim, é preciso assegurar que a devolutiva seja clara, coerente e de fácil entendimento, para que não haja ruídos na comunicação, que é

[...] o elemento que une os indivíduos, a família e a sociedade. Ela nos permite compreender que todo comportamento, todo ato, verbal ou não, individual ou grupal têm valor de comunicação num processo, sempre desafiante, de entendimento das múltiplas possibilidades de significados e sentidos que podem estar ligados ao comportamento humano [...] (BARRETO, 2008, p. 28).

Ao enviar a devolutiva, é importante estimular a leitura compartilhada do material. Isso reafirma o sentimento de coletividade, que é fortalecido nas ações simples do cotidiano das Redes.

Caminhos percorridos pelas/os formadoras/es

<p>Documento 6</p> <p>Devolutiva do Encontro de Formação para a Rede</p>	<p>Registro das potencialidades, pontos de atenção e sugestões para a Rede que recebeu a formação.</p>
<p>Documento 7</p> <p>Relatórios de todo o processo vivenciado</p>	<p>Registro completo do caminho percorrido pelas/os formadoras/es para a construção dos instrumentos de orientação e desenvolvimento da atividade (Planejamento, Programação do Encontro e Avaliação), pontuando descobertas, aprendizagens e desafios; breve devolutiva sobre os aspectos observados pela/o formadora/or que demandam atenção da Rede.</p>

SUGESTÕES DE LEITURA E CONTEÚDOS DE REFERÊNCIA



Os referenciais teóricos sugeridos pela assessoria foram muito importantes, pois possibilitaram às/aos formadoras/es aprofundar seu olhar sobre os diferentes conteúdos abordados. Os textos não funcionam como fórmulas mágicas, receitas de bolo, para resolver todos os problemas, mas colaboram para que as/os formadoras/es e as Redes possam refletir sobre as questões relacionadas ao eixo “Comunicação”.

Sugestões de textos teóricos para estudo das/os formadoras/es

Centro de Cultura Luiz Freire – Manual prático [muito prático mesmo] do direito humano à comunicação.

<http://cclf.org.br/project/manual-pratico-muito-pratico-mesmo-de-direito-humano-a-comunicacao/>

Centro de Cultura Luiz Freire – Manual prático [muito prático mesmo] de leitura crítica de mídia.

<http://cclf.org.br/project/manual-pratico-muito-pratico-mesmo-de-leitura-critica-da-midia/>

Centro de Cultura Luiz Freire – Comunicar para não se trumbicar: lutando pelo direito humano à comunicação.

<http://cclf.org.br/project/76327/>

Comunicação e mobilização social: orientações para incidir em políticas públicas. Texto Andi/Oficina de Imagens. 2. ed. — Belo Horizonte: Oficina de Imagens, 2009.

http://solucoesparacidades.com.br/wp-content/uploads/2013/01/17-Caderno_Novas_Aliancas_Comunicacao_web_0.pdf

Sugestões de textos literários e teóricos para reflexão nos encontros de formação

Rubem Alves – “Escutatória”

<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/ttos/escutatoria.pdf>

Marina Colasanti – “Duas Laranjas e o olhar”

<https://www.marinacolasanti.com/2016/10/cronica-de-quinta-duas-laranjas-e-o.html>

Madalena Freire – “O que é Grupo?”

<http://subsidiospj.blogspot.com/2011/03/o-que-e-grupo.html>

Tatiana Fraga – “Por que ler?” (página 11)

http://www.plataformadoletramento.org.br/arquivo_upload/2016-03/20160307122906-1394047052-por-que-ler--livro-do-espacodeleitura.pdf

Sugestões de livros para mediações de leitura nos encontros de formação

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre:

Arquipélago Editorial, 2006.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A fada que tinha ideias**. 28 ed.

São Paulo: Ática, 2007.

BUARQUE, Chico e KEATING, Vallandro. **A bordo do Rui**

Barbosa. São Paulo: Palavra e imagem, 1981. Disponível em

<http://www.chicobuarque.com.br/livros/rb_01.htm>

RUEDA, Claudia. **Às vezes**. São Paulo: Editora Pensart, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2

ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

MAGALLANES, Alejandro. **Isso não é?**. São Paulo: Comboio de

Corda, 2008.

FREITAS, Tino e MORICONE, Renato. **Os invisíveis**. Rio de

Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

BRENMAN, Ilan e MORICONE, Renato. **Telefone sem fio**. São

Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

Referências gerais

BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 4 ed. revista e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BARBERO, Martín. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org). **Por uma outra**

comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: ed. Ouro sobre azul, 2006.

_____. **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

Comunicação e mobilização social: orientações para incidir em políticas públicas / Texto Andi/Oficina de Imagens.

- 2.ed. – Belo Horizonte: Oficina de Imagens, 2009. (Coleção Cadernos Novas Alianças; 1).
- FERNANDEZ, Maria Aparecida A. **Bibliotecas públicas: um equipamento cultural para o desenvolvimento local.** Recife: Centro de Desenvolvimento e Cidadania, 2016.
- FERNANDEZ, Cida; RONDON, Helena. **Sustentabilidade: como mobilizar pessoas e recursos para a sua biblioteca.** São Paulo, Secretaria de Cultura do governo de São Paulo: SP Leituras, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler – Em três artigos que se complementam.** 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GUERRA, Adriano. LEITE, Camila. VERÇOSA, Érica. **Expedição Leituras: Tesouros das Bibliotecas Comunitárias no Brasil.** São Paulo: Instituto C&A, 2018.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática de construção da pré-escola à universidade.** 25ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática.** 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 1992.
- LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do Sensível.** São Paulo: Editora 34, 2009.
- REIS, Mariana F. **Comunicação, Cultura e Mobilização Comunitária.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2016.
- SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SUGESTÕES DE DINÂMICAS DE ACOLHIMENTO E PARA ACORDAR O CORPO

ACOLHIMENTO

DINÂMICA DE ACOLHIMENTO 1: NOME E AÇÃO

Objetivo: Apresentar os participantes da oficina e as atividades realizadas pela Rede.

Desenvolvimento: Um integrante deverá se apresentar dizendo seu nome e uma ação realizada pela Rede no eixo “Comunicação” e visibilidade (p. ex.: a Sâmia postou fotos no Facebook). O próximo integrante da roda deverá repetir a fala anterior e dar continuidade na apresentação (p. ex.: a Sâmia postou fotos no Facebook e conversou com a Lígia sobre o fórum de literatura). Nesta dinâmica, os integrantes poderão se apresentar, como também elencar todas as atividades que são desenvolvidas pela Rede Local, como, por exemplo, a atualização das redes sociais, a participação nos fóruns de literatura etc.

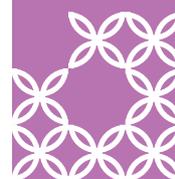
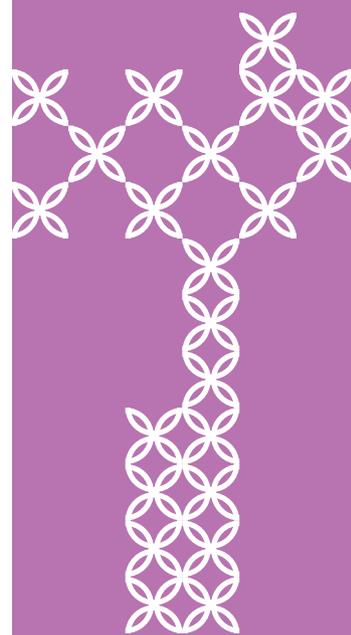
ACORDAR O CORPO

Objetivo: Desenvolver atividades com movimentos corporais.

Desenvolvimento: Convidar todas/os para ler coletivamente a letra da música “Cinco Cantos de Moçambique”, de Maurício Tizumba. Pedir que cada pessoa alongue o corpo da forma que achar melhor. Cada pessoa pode sugerir um movimento, e o grupo vai repetindo. Em seguida, colocar a música e deixar o corpo ir seguindo a sua pulsação. Não é preciso que todas/os dancem da mesma forma. É importante ouvir a música e se movimentar de acordo com o desejo do corpo.

Cinco Cantos de Moçambique – Maurício Tizumba

https://soundcloud.com/ganga-bruta_congadar/s-rainha



*Sá rainha conga chega na janela.
Sá rainha conga chega na janela.
Venha ver marujo que já vai pra guerra.
Venha ver marujo que já vai pra guerra.
Sá rainha me chamou,
Me chamou pra curiá.
Mas eu já vou sá rainha
Caminhando devagar.
ÔÔÔÔ (3x)
Curia tatá, curiá
Curia tatá, curiá
Curia atá, curia atá, curia atá, curia atá
Curia atá, curia atá, curia atá, curia atá
ÔÔÔÔ*

DINÂMICAS DE GRUPO

DINÂMICA DE GRUPO 1: CAMPO MINADO

Esta dinâmica foi desenvolvida por Rafael Mussolini na Rede Ilha Literária em 2017.

Objetivo: Estimular cooperação de grupo, paciência, trabalho em equipe; atenção aos comandos.

Desenvolvimento: Esta dinâmica foi realizada com toda a equipe ao mesmo tempo. No chão, delimitado por um espaço em que uma pessoa vendada pudesse caminhar, foram espalhados muitos objetos de pequeno e grande portes.

Um participante do grupo foi escolhido para colocar uma venda nos olhos; ele não podia ver nada, e a equipe foi os olhos dessa pessoa e teve que combinar os comandos. A pessoa com os olhos vendados saiu da posição inicial, caminhou em direção ao campo minado, não podendo tocar nos objetos que estavam no chão. Os outros participantes precisaram evitar o contato da pessoa vendada com os objetos. Quando a pessoa vendada encostava em um dos objetos, era substituída por outra, e mudava-se a configuração dos objetos. Após a brincadeira, refletimos sobre as dificuldades tanto de se estar vendado como de estar na posição de guia. Conversamos também sobre a necessidade da

união do grupo, do repasse de uma mensagem clara e de organização. Todos falaram ao mesmo tempo? O grupo ou um dos integrantes perdeu a paciência? Quantas pessoas conseguiram finalizar o trajeto? Houve algum trabalho em equipe para cumprir a tarefa?

Material utilizado: qualquer objeto que possa servir de obstáculo, demarcação no espaço.

DINÂMICA DE GRUPO 2: DESENHO ÀS CEGAS

Objetivo: Trocar informações entre a equipe.

Desenvolvimento: O time foi dividido em pares. Os integrantes de cada dupla sentaram de costas um para o outro. Um deles recebeu um papel com uma figura – círculo, coração, estrela etc. –, e o outro recebeu um papel em branco e um lápis. Foi solicitado ao participante que recebeu a figura que passasse instruções para o seu parceiro sobre como desenhar aquele objeto, mas sem dizer o que seria exatamente. As duplas tiveram cinco minutos para executar essa tarefa.

Os dois tiveram que achar um jeito de cada um entender o que o outro estava dizendo para que conseguissem reproduzir a figura. No fim, elas/es compararam os desenhos e puderam verificar se conseguiram se comunicar de forma efetiva e conversar sobre o processo e as possíveis falhas na comunicação.

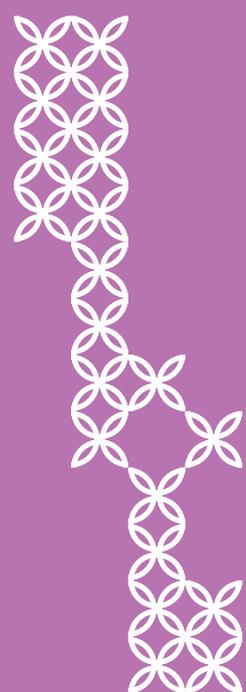
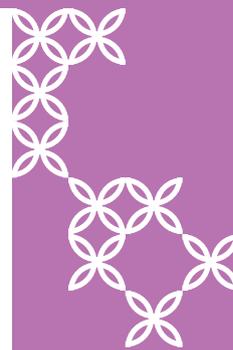
Para analisar: Como a pessoa que recebeu o desenho passou instruções para a outra? Como a pessoa que desenhou recebeu as informações? Elas/es tiveram paciência uma/um com a outra/o ou se irritaram ao longo do processo? Quais foram as principais dificuldades? Quais foram os resultados? Que desenhos saíram?

Deixei o espaço aberto para que as pessoas mostrassem seus desenhos e relatassem a experiência.

DINÂMICA DE GRUPO 3: DINÂMICA DO AQUÁRIO

Objetivo: Promover um espaço de discussão que garanta a participação de todos os integrantes por meio da rotatividade.

Desenvolvimento: O grupo estará organizado em duas rodas, sendo uma dentro da outra. A roda de dentro terá apenas quatro cadeiras, três ficarão ocupadas e uma





vazia; a roda de fora será preenchida com os demais integrantes, que escutarão ativamente o diálogo entre os três da roda menor e irão contribuir posteriormente para a discussão por meio do recurso da cadeira vazia. Esta poderá ser preenchida a qualquer momento da conversa, seja para dar uma opinião, trazer uma experiência que reforce o tema que está sendo discutido, ou para levantar algo novo que também deverá estar ligado à pergunta inicial. Será feita uma pergunta que norteará a discussão “Para avançar nas ações da Rede, precisamos conversar sobre alguns eixos”. As perguntas estarão baseadas nas ações que foram discutidas na dinâmica da história realizada pela manhã. Para isso, cada pessoa que falar deverá estar segurando o objeto que será entregue, para garantir tanto uma pausa entre as falas quanto um rodízio entre os integrantes, pois, entre uma fala e outra, algum integrante da roda de fora poderá entrar na roda de dentro para se manifestar. Quando isso acontecer, alguém de dentro deverá sair, garantindo no máximo 3 integrantes na discussão.

ENCERRAMENTO/DESPEDIDA

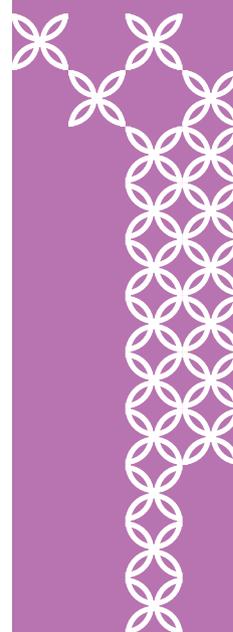
DINÂMICA DE ENCERRAMENTO 1: JOGO DO TELEFONE

Objetivo: Fazer a avaliação do encontro de uma forma lúdica.

Desenvolvimento: Entregar o “questionário” a seguir para todos os integrantes, o qual poderá ser adaptado de acordo com a realidade do grupo, pois servirá como uma devolutiva para a/o formadora/or. Quem tiver interesse e se sentir à vontade para compartilhar suas respostas, poderá ir para a roda e socializar.

ALÔ, _____ ! Aqui é _____. Eu estive doente e não pude participar da formação em qualquer dos dias. Você pode me dizer o que foi trabalhado?

Espera um pouco. Você está falando muito depressa. Não entendi direito o que significa essa comunicação



on-line e off-line. No que isso poderá auxiliar as bibliotecas e a LiteraSampa?

Agora, sim, está mais claro. Mas, o que isso tem a ver com as nossas ações?

Você tem razão. Mas, de todas essas temáticas, o que mais chamou sua atenção?

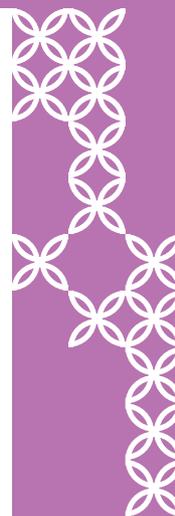
Peraí... Como você poderá repassar essa experiência para outras pessoas?

Dia desses ouvi uma conversa entre você e a _____ dizendo que devemos sempre pensar no público que está sendo atendido. Então, após essa formação, vai mudar alguma coisa na hora de pensar em uma estratégia de se comunicar ou dar visibilidade às ações desenvolvidas?

Desses elementos, qual o mais importante? Que materiais podemos produzir para alcançar um público maior? Quais estratégias devemos utilizar?

“Nossa”, é muita coisa, né? Só queria que você me dissesse mais uma coisa: do que você mais gostou nesses dois dias?

Tá bom. Acho que entendi... Vamos desligar, né? Meus créditos estão acabando. A formação do Entre-Redes também!



DICA DE VÍDEO

VÍDEO: DIMENSÕES DO DIÁLOGO

Jan Švankmajer é um artista surrealista tcheco, e seu trabalho abrange vários meios de comunicação. Ele é conhecido pela sua animação surreal e suas características, que têm influenciado grandemente outros artistas, como Tim Burton, Terry Gilliam e The Brothers Quay. Dimensões do Diálogo é um curta-metragem de 1982, que dialoga com os problemas da sociedade contemporânea. Como o título indica, trata-se de uma bizarra, perturbadora e, em alguns momentos, grotesca análise da dialética entre os indivíduos pela óptica do cineasta tcheco. Ele divide o curta em três partes distintas, cada uma abordando um estilo de discurso; em comum, todas retratam uma impossibilidade de comunicação.

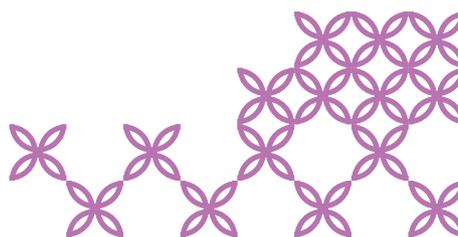
Na formação, utilizarei a terceira e última parte do curta, que tem início aproximadamente aos 08min 18s do vídeo.

O curta traz a possibilidade de várias discussões sobre os ruídos que podem ocorrer em um processo de comunicação, de troca de informações. O mais interessante de tudo é como o vídeo retrata o que acontece quando as posições mudam de lugar.

Link do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=dveN164nkal>



SOBRE AS/OS AUTORAS/ES



BERNADETE PASSOS

Me chamo Bernadete Passos, integro a Rede Mar de Leitores e, dentro desse coletivo, como também na RNBC, contribuo com a Elaboração de Projetos, a Diretoria Teatral, a Produção Executiva e a Formação em Articulação e Mobilização de Recursos. Iniciei o vínculo com o Entre-Redes como espectadora, observando a atuação das/os primeiras/os formadoras/es. No ano de 2018, a minha Rede Local indicou-me como formadora, e desde então passei a compor esse grupo, sendo formadora no eixo Mobilização de Recursos. Estou muito feliz em poder contribuir com outras Redes. Nesse processo, sei que também sairei com muitas informações e aprendendo um pouco mais.



CAMILA TRESSINO

Sou Camila Schoffen Tressino, formada em Biblioteconomia, especialista em Educação e Psicanálise e, atualmente, estou cursando especialização em Literatura Infantil e Juvenil. Atuo no Redes de Leitura – Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre como bibliotecária, no auxílio ao planejamento das ações culturais das bibliotecas e no Monitoramento e Avaliação. Pelo trabalho desenvolvido junto às bibliotecas da Rede e pelas formações já realizadas com a nossa equipe, fui indicada em 2018 para ser formadora na Ação Entre-Redes, nos eixos Espaço, Acervo e Mediação de Leitura.



CARLINDA LIMA

Me chamo Carlinda Santos, integro a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador, tenho formação em Arte/Cultura e sou estudante de contabilidade. Atuo na Rede com Mobilização de Recursos/Articulação e Incidência Política. Sou coordenadora da Biblioteca Maria Rita/Presidente da Associação Sons do Bem, o meu eixo de atuação no Entre-Redes foi “Articulação”.



Nesse processo, foi possível perceber que sou capaz de fazer uma formação e que, apesar da timidez, consigo levar minhas experiências para outra Rede. Saí da primeira formação, em 2017, me sentindo realizada, e em 2018 assumi a tarefa de formadora em um novo eixo, o de Gestão Compartilhada.

DANILO RAMOS

Meu nome é Danilo Ramos Silva. Nascido e morador do município de Mauá-SP (região do ABC de SP – ABC da greve de 1979 e do movimento sindical), sou formado em Psicologia e gestor da Biblioteca Comunitária do Centro Cultural Dona Leonor (CCDL), integrante da Rede LiteraSampa e membro do conselho gestor na RNBC. Sou fundador do coletivo Samba de Terreiro de Mauá. Atuei na execução de políticas da assistência social do município de São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo, no segmento criança e adolescente, entre 2008 e 2017, no CEDECA “Mônica Paião Trevisan”, na zona leste de São Paulo. Na Rede LiteraSampa, me senti atraído pelos processos de formação. A acumulação de conhecimentos nessa trajetória e as ações realizadas no CCDL e na Rede me fizeram perceber a possibilidade de contribuir com o eixo Mobilização de Recursos, na escrita de projetos e no estabelecimento de parcerias e articulações.



JOANA CHAGAS

Sou Joana Chagas, graduada em História e pós-graduanda em “A Arte de Contar Histórias”. Sou mediadora de leitura no Espaço Cultural Nossa Biblioteca (ECNB) e contadora de histórias do Grupo Xamã Contadores de Histórias e no Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia – MOCOHAM. Sou integrante da Rede Amazônia Literária, como uma das articuladoras e como comunicadora. Sou mediadora das páginas virtuais do ECNB, do Xamã, da Flor do Norte (cooperativa Mirim do ECNB, em parceria com o Instituto SICOOB) e, também, da Rede Local. Quando houve a oportunidade de participar das ações de formação do Entre-Redes, me disponibilizei para contribuir com aquilo que mais gosto de fazer, que é a articulação direta com as pessoas, com a comunidade e os parceiros. Eu gosto de gente, e, por isso, minha Rede me indicou para levar nossa experiência sobre Enraizamento Comunitário.



JULIANA ALBUQUERQUE

Sou Juliana Albuquerque, bibliotecária, assessora da Releitura – Bibliotecas Comunitárias em Rede, integrante da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), formadora dos eixos “Articulação” (2017) e “Incidência Política” (2018) do Entre-Redes. Sou membro do coletivo de Gestão do Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura – FPEBLLL, conselheira estadual de Política Cultural de Pernambuco – Segmento Literatura (gestão 2016-2018) e ex-integrante do coletivo editorial Cartonera do Mar. Participar da Ação Entre-Redes fortaleceu as ações de minha Rede, pois reafirmou a forma como trabalhamos, pela troca de saberes.



LAYO BULHÃO

Sou Layo Bulhão, pai, cazumba, criador gráfico autônomo, escritor, professor de arte por formação, pesquiso a leitura do cotidiano e as formas de comunicação entre as pessoas. Desde 2014, trabalho na comunicação social da Ilha Literária – Rede de Bibliotecas Comunitárias de São Luís. Atualmente, mantenho em minha própria casa a Biblioteca Comunitária da Residência 05, que, em 2018, recebeu o Selo IPL – Retratos da Leitura pela realização do Projeto Bibliocicleta. Participar do Entre-Redes 2018, no eixo “Comunicação”, me faz pensar sobre o percurso, parar e refletir sobre a complexidade e a importância de comunicar, principalmente para quem foi negado o acesso nas periferias. A formação nos fortalece para juntos buscarmos, por meio da leitura e do acesso ao livro, possibilidades de um bem-viver coletivo real.



MARIA CHOCOLATE

Sou Maria do Carmo da Silva Miranda (Chocolate), j anos, fundadora, gestora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitária MANNs, localizada em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, RJ. A minha vida é uma história de enraizamento comunitário, portanto a minha trajetória na Rede de Bibliotecas Comunitárias: Tecendo Uma Rede de Leitura não poderia ser diferente. Em 2018, pelo reconhecimento de minha atuação na Rede, fui indicada como formadora para trocar experiência com outros parceiros da Rede Nacional, por meio do Entre-Redes. Atualmente, participo do Conselho Gestor da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e do GT de Incidência Política, além de ocupar a cadeira na área do livro e leitura no Conselho Municipal de Cultura, de Duque de Caxias.



MÔNICA VERDAM

Sou Mônica Verdã, professora e graduanda do Curso de Pedagogia, integro a Rede Baixada Literária e atuo nos eixos Articulação (2017), Incidência Política e Formação (2018). Por muitos anos, lecionei em escolas particulares e sempre me incomodei com a ideia de que alguém ensina e outro aprende. Sempre vi essas duas ações de forma integrada, assim como pensava que o sucesso de uma ação era dependente da resposta da outra. Só posso declarar que ensinei algo se houver constatação de que alguém aprendeu. O processo de formação do Entre-Redes fortaleceu essa ideia, pois ele se faz num compartilhamento de experiências que se completam e permite que os interagentes construam coletivamente outras estratégias para a consolidação do aprendizado.



RAFAEL MUSSOLINI

Meu nome é Rafael Mussolini Silvestre, sou pedagogo e estudante de biblioteconomia. Integro a Rede de Bibliotecas Comunitárias Sou de Minas, Uai!, na qual sou um dos articuladores, comunicador e mediador de leitura. Escrevo para o blog “O Pedagogento” e sou um dos administradores do site da escritora Marina Colasanti. Quando surgiu a oportunidade de atuação no programa de formação Entre-Redes, e cada Rede Local precisou olhar para suas habilidades e competências, me senti apto a colaborar como formador no eixo “Comunicação”, em virtude de um histórico de aprendizado junto à Rede Sou de Minas, Uai!



SÂMIA ALVES

Meu nome é Sâmia Ellen, sou graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, voluntária no Projeto Social Só Risos, escritora no blog “Doce Leitura” e “Scriptura poética”. Trabalhei como mediadora de leitura na Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, e agora tenho a função de Comunicadora/Articuladora da Rede de Leitura Jangada Literária, além de ser representante da linguagem Literatura no Conselho Municipal de Política Cultural e integrante da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC, espaço em que me tornei formadora do Entre-Redes no eixo “Comunicação”, em 2017, e permaneço trocando experiências em 2018, na mesma temática.





ANEXO 1

PROPOSTA BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO DAS/OS FORMADORAS/ES DA AÇÃO ENTRE-REDES

Mais além das ideias do que é certo e errado existe um campo... Eu o encontrarei lá!

RUMI⁸

PRIMEIRAS REFLEXÕES

O caminho a ser percorrido pela equipe de formadoras/es exigirá de cada pessoa uma análise sobre as práticas desenvolvidas pelas Redes Locais e suas bibliotecas referentes aos eixos formativos que serão trabalhados nos processos de formação continuada da Ação Entre-Redes (Espaço, Acervo, Mediação de Leitura, Gestão Compartilhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política e Mobilização de Recursos).

ITINERÁRIO PARA AS/OS FORMADORAS/ES

Etapa 1 – Antes do encontro de formação – Mapa de aprendizagens da Rede

Qual o repertório das/os formadoras/es e de suas Redes sobre o eixo que será o centro da formação?

- Resgatar e registrar todo o conhecimento acumulado sobre o eixo que será mediado na formação. É importante pontuar todas as aprendizagens, com seus avanços, dificuldades e os acontecimentos planejados e não planejados, que contribuiriam para superar as dificuldades e fortalecer a Rede ou a biblioteca naquele eixo. É relevante que o resgate das aprendizagens da Rede seja feito de forma coletiva;

8. Também conhecido como Jalāl ad-Din Muhammad Balkhi, Rumi foi um místico, teólogo e poeta sufi persa do século 13.

- Garantir momentos para estudar autoras/es que escreveram sobre aquele determinado tema e que possam dar suporte teórico para o desenvolvimento das práticas existentes;
- O registro das aprendizagens, junto com a leitura de texto teórico, ajudará cada formadora/or a traçar as **estratégias** para o alcance dos objetivos da formação;
- A Rede que receberá a formação e a/o formadora/or deverão:
 - Combinar uma data que facilite a participação da maioria das pessoas;
 - Escolher um local que acomode todas/os bem, facilitando a disposição das/os participantes de forma circular e que seja de fácil acesso;
 - Organizar o material didático e equipamentos com antecedência.

Etapa 2 – Antes do encontro de formação – Construção do questionário

Quais as demandas específicas, as expectativas, as percepções e o perfil do grupo que receberá a formação?

- Cada eixo formativo possui várias dimensões no seu desenvolvimento, e, para a definição dos **objetivos** de cada formação, é preciso que a/o formadora/or saiba quais são as principais questões que precisam de atenção, diante do tempo estabelecido para o encontro. Para levantamento das demandas específicas de formação de cada Rede, as/os formadoras/es constroem um questionário e enviam um *link* de acesso ao formulário, indicando que as perguntas devem ser respondidas coletivamente. A partir das respostas, as prioridades da formação serão definidas. Cada Rede tem de 7 a 10 dias para responder ao questionário.

Etapa 3 – Antes do encontro de formação – Construção do Planejamento **Quais informações deverão ser levadas em consideração pelas/os formadoras/es no momento da construção do planejamento?**

- A partir das respostas apresentadas por cada Rede no questionário, serão definidos os objetivos do encontro. A quantidade de objetivos estabelecidos deve levar em consideração o tempo de cada encontro. Não adianta estabelecer muitos objetivos, se o tempo da formação for pequeno. É preciso que haja um equilíbrio. Por exemplo: se forem dois dias de formação, estabelecer de 3 a 4 objetivos, no máximo;
- Após o recolhimento das informações sobre a Rede, as/os formadoras/es, com os seus conhecimentos e as informações fornecidas, deverão definir:

- O **objetivo** da formação;
- A **metodologia** a ser utilizada: que estratégias deverão ser traçadas para se alcançar os objetivos propostos? Descrever todos os detalhes e disponibilizar no planejamento o maior número de informações possível sobre a condução da atividade (dinâmicas, leituras, músicas etc.). É importante prever o tempo para cada atividade. Lembrar que o planejamento serve para a orientação das/os formadoras/es;
- A **programação** do encontro: é o documento que será enviado com antecedência para as/os participantes da formação. Nele devem constar as orientações sobre as questões a serem abordadas no encontro. Não é necessário informar todos os detalhes (como as estratégias que serão utilizadas para desenvolvimento de cada atividade), mas seguirá a programação enxuta, com a lista de materiais e equipamentos que serão utilizados.

Etapas 4 – Antes do encontro de formação – Construção do instrumento de avaliação do encontro

Considerando os objetivos e o eixo trabalhado, quais dimensões precisam ser avaliadas pelas/os participantes do encontro?

- As/Os formadoras/es deverão construir um instrumento de avaliação para utilizar no fim do encontro de formação. É importante prever no planejamento um tempo para que todas as pessoas que participaram possam responder. Esse instrumento contribuirá para que a/o formadora/or entenda todo o processo e forneça as bases para o planejamento de futuros encontros de formação.

Etapas 5 – Durante o encontro de formação – Metodologia em ação **Nesse espaço de troca de experiências, o que precisa ser garantido?**

- O primeiro aspecto sugerido é que cada formadora/or esteja atenta/o para que, no momento do encontro, não haja espaço para julgamentos sobre o que é certo ou errado; o importante é apresentar as possibilidades a partir do contexto de cada Rede;
- Além disso, é fundamental garantir tempo e espaço para:
 - **Momentos de acolhimento para começar o dia** – Abrir os caminhos para tudo que será vivido pelo grupo durante o dia. Precisamos preparar o corpo e o espírito, estabelecer intimidade entre as/os participantes e fortalecer a identidade do grupo. Isso pode ser feito por meio de atividades sensoriais que estimulem a interação entre as pessoas (p. ex.: realização de atividades corporais e musicais); abertura de espaço (no primeiro dia) para uma rodada de apresentação e expectativas para o encontro;

- **Momentos para mediação de leitura** – É importante que as mediações de leitura estabeleçam conexão com a temática e os objetivos do encontro; após a leitura, acolher as expressões e reações do grupo com relação ao texto;
- **Momentos para leitura coletiva de textos teóricos** – Escolher textos que possibilitem ao grupo ter contato com perspectivas teóricas que fundamentem as discussões sobre o tema;
- **Momentos para definição dos combinados do encontro (1º dia)** – Exemplos:
 1. Respeitar os horários estabelecidos para início e término das atividades e dos intervalos;
 2. Respeitar as divisões de grupos de trabalho;
 3. Para falar, é importante levantar a mão;
 4. Colocar o celular no silencioso;
 5. Evitar conversas paralelas.
- **Exercício da escuta ativa** – Levar em consideração os conhecimentos prévios e partir destes para trazer as experiências a serem partilhadas;
- **Cuidar dos tempos das falas** – Não atropelar os processos de organização do pensamento das pessoas nem estender demais os discursos;
- **Desenvolver atividades corporais** – Após o intervalo do almoço, é sempre bom desenvolver atividades com movimentos corporais;
- **Garantir espaços para o encerramento** – Fechar o ciclo de cada dia com saraus, contação de histórias, cantorias, rodas de brincadeiras populares etc;
- **Fazer modificações no percurso traçado, caso seja necessário** – O planejamento é dinâmico e pode ser adaptado a partir das situações que surjam no momento do encontro;
- **Garantir o registro de cada dia** de encontro por meio de atas e fotografias.

Etapa 6 – Depois do encontro de formação – Construção da devolutiva para a Rede que recebeu a Formação

Cada formadora/or deverá registrar suas percepções sobre o desenvolvimento do encontro de formação, considerando os seguintes aspectos:

- Participação, pontualidade, proatividade, transparência das/os integrantes da Rede;
- Potencialidades internas da rede para própria formação;
- Pontos de atenção e sugestões para a Rede.

Etapa 7 – Depois do encontro de formação – Construção do relatório de todo o processo vivenciado

Os registros do relatório são divididos em quatro tópicos principais:

- 1.** Registros de todo o caminho percorrido pelas/os formadoras/es na fase inicial de construção dos instrumentos de orientação e desenvolvimento da atividade (Planejamento, Programação do Encontro e Avaliação), pontuando as descobertas, aprendizagens e desafios;
- 2.** Registros referentes à etapa de execução da formação: percepções da/o formadora/or a partir do desenvolvimento da programação proposta, das possíveis mudanças ocorridas, bem como da integração e reação do grupo;
- 3.** Sugestões para a Rede que recebeu a formação a partir do processo vivido e das questões discutidas e definidas durante o encontro;
- 4.** Registro fotográfico da atividade, incluindo cinco fotos, no máximo, para cada dia de encontro.

Em todo o processo de construção e desenvolvimento dos encontros formativos, as/os formadoras/es constroem os seguintes documentos:

- **Documento 1** – Registro sobre os conhecimentos desenvolvidos na Rede sobre o eixo formativo;
- **Documento 2** – Questionário para colher informações sobre as Redes;
- **Documento 3** – Planejamento da formação (orientação para a/o formadora/or);
- **Documento 4** – Programação do encontro de formação (socializada com as/os integrantes da Rede);
- **Documento 5** – Instrumento de avaliação dos encontros;
- **Documento 6** – Devolutiva para a Rede que recebeu a formação;
- **Documento 7** – Relatório de todo o processo vivenciado pelas/os formadoras/es.

ANEXO 2

PROPOSTA BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE REGISTRO DAS APRENDIZAGENS DESENVOLVIDAS PELAS REDES

Este instrumento faz parte do processo de construção das formações que compõem a Ação Entre-Redes. Seu objetivo é resgatar e registrar (coletivamente) todo o conhecimento acumulado pela Rede acerca do eixo a ser discutido no encontro de formação, que será facilitado por uma/um formadora/or representante da Rede. Este material dará suporte à/ao formadora/or nos processos de planejamento da formação.

Questões orientadoras:

1. FORMADORA/OR

- Qual o repertório (experiência) da/o formadora/or sobre o eixo/formação que vai desenvolver?
- Faça uma breve apresentação de quem é você neste momento;
- Explique como iniciou sua relação com a Rede Local.

2. REDE DE ORIGEM DA/O FORMADORA/OR

- Nome da Rede;
- Nome das instituições/biblioteca;
- Tempo de atuação em Rede (breve histórico);
- Nome dos/as integrantes e tempo de atuação junto à Rede.

3. REGISTRO DAS APRENDIZAGENS DA REDE DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS DE SALVADOR – RBCS NO EIXO “COMUNICAÇÃO”

- Quais são as aprendizagens sobre o eixo “Comunicação”?
- Resgate da história, apresentando as principais conquistas e dificuldades encontradas no processo de ações sobre o eixo “Comunicação”;
- Mapa visual da organização interna da Rede em relação às atividades de comunicação;
- Existe um plano/agenda de ação para o eixo “Comunicação”?

- Outros parceiros contribuem com as ações desse eixo? Se sim, quais são elas e de que forma esse processo acontece?

Formador(a): Layo Bulhão

Quando tinha 15 anos, e já com três anos de intensa formação em expressão corporal e teatro, comecei a dar aulas para iniciantes em dramaturgia. Recebi o convite para dar aulas de Arte em um projeto social e, desde então, comecei a cultivar nas pessoas, como um jardineiro, as formas de expressão/comunicação.

Comecei a produzir cartazes quando fiz um estágio na Galeria de Arte do Sesc/MA, mesmo período em que comecei a trabalhar com Edição e Montagem de exposição. Eles foram tantos e com tanto rigor que comecei a receber convites para fazer criações profissionais, para o próprio Sesc, para o governo, para amigos e para eventos diversos. Comecei a criar sites, app e tenho muito prazer em fazê-los, creio que isso facilita as criações.

Sou professor de Arte, formado pela Universidade Federal do Maranhão. Tenho trabalhos artísticos que buscam trazer a comunicação para a percepção dos sentidos e que não estejam somente ligados à visão, tais como a performance “corpo com plumas no meio da sala”, que propõe uma dança não visual que acontece no escuro total durante três horas, onde as pessoas são deslocadas de suas aparências para transparecer outras formas de se comunicar. A comunicação é uma porta sem chave. Se não houver percepção, ficamos com medo de abrir uma porta que sempre está aberta, embora cada uma abra de uma forma diferente.

Há três anos fundei a Biblioteca Comunitária da Residência 05, que funciona na sala de minha casa. Pai de Sawè, criador gráfico autodidata, professor de arte por formação e por existência, pesquiso a leitura do cotidiano e as formas de comunicação entre as pessoas. Busco ser ponte para tornar sonhos possíveis. Escrevendo poesias, contos e formas.

Participar do Entre-Redes 2018 me faz pensar sobre o percurso, parar e refletir sobre a complexidade do ato de se comunicar. A formação fortalece para juntos buscarmos, por meio da leitura e do acesso ao livro, possibilidades de um bem-viver coletivo real, agora.

Minha relação com a Rede Ilha Literária se deu há, aproximadamente, 4 anos. Comecei a fazer alguns trabalhos gráficos para a Rede quando ainda nos organizávamos em Polos (articulação de, no mínimo, 05 bibliotecas comunitárias em seus territórios) territoriais de Leitura. Eram cartazes, fôlderes, adesivos etc.

Em 2015, houve um convite para participar mais diretamente da Rede. Hoje a Rede unida Ilha Literária, cuja logo foi feita com muito carinho, representa: as cores do *reggae*; a ilha do amor, magnética

e de tantas/os escritoras/es. Os barcos de papel representam o reconhecimento da história de cada uma das Redes e o vislumbre para o objetivo comum que ambas estavam buscando. O “x” marca o lugar de resistência, de luta, da mediação de leitura que acontece com os livros literários. Trabalho com a comunicação da Rede em colaboração direta e fundamental do GT de Comunicação, que vem funcionando de forma colaborativa e participativa, ampliando as possibilidades para dar visibilidade à Rede.

A Rede

- Nome da Rede: Ilha Literária – Rede de Bibliotecas Comunitárias de São Luís-MA;
- Nome das Instituições/Biblioteca e há quanto tempo estão em Rede (breve histórico)?
- Nome das/os integrantes e há quanto tempo estão articuladas/os?

Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria

- Bairro: Cidade Olímpica;
- Tempo que integra a Rede: 4 anos e nove meses;
- Nome das/os integrantes: Rubenita da Silva Santos, mediadora de leitura, 4 anos e 9 meses de atuação; Clenilde Castro de Araújo, gestora, 4 anos e 9 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo

- Bairro: Santa Clara;
- Tempo que integra a Rede: 4 anos e 9 meses;
- Nome das/os integrantes: Raimunda Maria da Silva, gestora, 4 anos e 9 meses de atuação; Flávia Bianca Silva dos Santos Gaspar, mediadora de leitura, 4 anos e 9 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Paulo Freire

- Bairro: Vila Janaína;
- Tempo que integra a Rede: 3 anos;
- Nome das/os integrantes: Flaviomar Medeiros, coordenador, 3 anos de atuação; Sirlândia do Norte, mediadora de leitura, 3 anos de atuação; Maria Aparecida, gestora, 3 anos de atuação.

Biblioteca Comunitária Mundo do Saber

- Bairro: João de Deus;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Nilza Maria Gonçalves, gestora, 1 ano e 7 meses de atuação; Ruthe Andrade, mediadora de leitura, 1 ano e 7 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Josué Montello

- Bairro: Cidade Olímpica;
- Tempo que integra a Rede: 4 anos e 9 meses;
- Nome das/os integrantes: Rafael Andrade, mediador de leitura, 3 anos de atuação; Katileny Frazão, mediadora de leitura, 6 meses de atuação; Leane de Jesus, coordenadora da Biblioteca, 1 ano de atuação; Ana Paula Marques, coordenadora da Biblioteca, 3 anos de atuação; Leliane Costa Andrade, gestora, 4 anos e 9 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato – Cidade Operária

- Bairro: Cidade Operária;
- Tempo que integra a Rede: 4 anos e 9 meses;
- Nome das/os integrantes: Maria Neuza da Silva Ribeiro, gestora, 4 anos e 9 meses de atuação; Katia Dias, mediadora de leitura, 1 ano e 5 meses de atuação; Carla Mariana da Silva Ribeiro, gestão (voluntária); Mariana Lindoso Castelo Branco, gestora presidente.

Biblioteca Comunitária da Residência 05

- Bairro: Cidade Olímpica;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Thiago di Boque, mediador de leitura e Secretaria Executiva RNBC, 1 ano e 7 meses de atuação na Rede e 2 meses de atuação na Secretaria Executiva; Gê Viana, mediadora de leitura, 1 ano e 7 meses de atuação; Thadeu Macedo, mediador de leitura, 2 meses de atuação; Karlene Farias, mediadora de leitura, 1 ano e 7 meses de atuação; Layo Bulhão, mediador de leitura/Comunicador Social da Rede, 3 anos de atuação nas duas funções.

Biblioteca Comunitária Wilson Marques

- Bairro: Cidade Operária;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Ana Cristina Monteiro, gestora; Daisa Nascimento e Bianca Monteiro, mediadoras de leitura, 1 ano e 7 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Cora Coralina

- Bairro: Cidade Operária;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;

- Nome das/os integrantes: Ozelina Silva Sousa, gestora, 8 anos de atuação; Kalina Bianca Costa de Sousa, mediadora de leitura, 6 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato – Coroadinho

- Bairro: Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Lealgorita Dias, gestora, 1 ano e 7 meses; Adriane Pinheiro, mediadora de leitura, 1 ano e 7 meses de atuação; Aparecida Nunes, mediadora, 5 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Mundo Fantástico da Leitura

- Bairro: Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 3 anos;
- Nome das/os integrantes: Tcheurllly Silva Ribeiro, mediadora, 8 meses de atuação; Celiane de Jesus Gonçalo, gestora, 3 anos de atuação.

Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento

- Bairro: Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Ana Maria Lopes Frazão, gestora, 9 anos de atuação; Francisca Ilmara Lima de Souza, mediadora de leitura, 6 meses de atuação; Maria da Conceição Moraes Pereira, coordenadora voluntária, 9 anos de atuação.

Biblioteca Comunitária Arco-íris do Saber

- Bairro: Salinas do Sacavém, Polo Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 3 anos;
- Nome das/os integrantes: Telma Marques, gestora, 6 anos de atuação; Maria Aparecida de Figueiredo Rodrigues, gestora, 6 anos de atuação.

Biblioteca Comunitária Semente Literária

- Bairro: Vila dos Frades – Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 1 ano e 7 meses;
- Nome das/os integrantes: Wandeth dos Santos Corrêa, coordenadora da biblioteca, 9 anos e 11 meses de atuação; Agostina dos Santos, gestora, 7 anos e 11 meses de atuação; Narlize Costa Fonseca, mediadora de leitura, 2 anos e 8 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Prazer em Ler

- Bairro: Vila dos Frades;
- Tempo que integra a Rede: 4 anos e 9 meses;
- Nome das/os integrantes: Maria Gorete da Silva Soares, gestora, 4 anos e 9 meses de atuação; Meirevania Sá Correia, mediadora de leitura, 4 anos e 9 meses de atuação; Claudileude de Jesus Silva, coordenadora da Biblioteca, 4 anos e 9 meses de atuação.

Biblioteca Comunitária Viajando Pela Alegria do Saber

- Bairro: Coroadinho;
- Tempo que integra a Rede: 3 anos;
- Nome das/os integrantes: Mendes, diretora, 9 anos de atuação; Valdirene Pereira Barbosa, mediadora de leitura, 9 anos de atuação.

4. REGISTRO DAS APRENDIZAGENS DA REDE ILHA LITERÁRIA NO EIXO “COMUNICAÇÃO” E VISIBILIDADE

Foram aprendizados:

- Para que a comunicação da Rede funcione é fundamental a participação de todas/os na apropriação e execução dos processos;
- Cada biblioteca e cada integrante são responsáveis por divulgar a biblioteca e a Rede;
- Ter transparência nas ações para melhor diálogo entre emissor e receptor, interno ou externo;
- Para comunicar, é preciso planejar, por isso é importante que o cronograma do plano de comunicação seja monitorado e atualizado a cada ano.

A Rede Ilha Literária é o resultado da junção de dois Polos de Leitura que atuavam separadamente em São Luís: Rede Leitora Terra das Palmeiras e Rede Leitora Ler Pra Valer. Em 2016 aconteceu a transformação! Deixamos de atuar isoladamente e passamos a atuar em conjunto, e assim nasceu a Rede Ilha Literária. Essa transformação trouxe muitos aprendizados sobre como é importante atuar em Rede.

A comunicação da Rede passou pelo processo de construção de sua identidade visual, com a criação da logomarca única idealizada em um grande processo de elaboração coletiva; diversos desenhos, diversos diálogos e muitas histórias até chegarmos ao nome para a Rede e sua logo. Não foi um processo fácil, nem tranquilo, pois era difícil a ideia de deixar as logos antigas para dar vida a uma nova.

Havia um sentimento de perda, como se fôssemos perder nossas histórias, e isso não era o desejo, mas sim ampliar os braços para que ficássemos mais fortes na luta, que não é fácil.

Construímos também um site e um pôster que demoraram mais de 8 meses para serem criados. Isso em virtude ainda da aceitação e descoberta desta nova/antiga Rede que estava surgindo/renascendo.

Hoje, sempre aprendendo a caminhar, nossa Rede tem se apresentado com destaque na construção de sua identidade, jovem, mas ativa dentro das comunidades.

Estamos com: site, pôster, redes sociais (Instagram e Facebook), *banners*, App Ilha Literária (Play Store), camisetas, divulgação em rádio comunitária. Temos muitos planos para os próximos anos: divulgação em TV ou programa, Rádio Online e *bike* som da própria Rede.

Funcionamento da Rede:

- Gestora/es, mediadoras/es de leitura e voluntárias/os;
- Grupos de Trabalho que realizam uma (01) reunião ordinária mensal, reuniões extraordinárias, comissões de trabalhos específicos (criados sempre que necessário);
- O coletivo, junto com o GT de Comunicação e comunicador, construiu o plano de comunicação.

A comunicação da Ilha funciona com um comunicador + o Grupo de Trabalho. Ocorrem reuniões de três em três meses ou reunião extraordinária, sempre que precisamos, pois a maior parte das demandas é resolvida de forma *on-line*.

Para os eventos da Ilha, o GT de Comunicação e comunicador trabalham juntos distribuindo funções para todas/os da equipe. Isso tem sido fundamental para a melhor divulgação de nossos eventos coletivos.

Para as atividades semanais, as demandas são enviadas para o comunicador, que fica encarregado de divulgar nas redes sociais (Instagram e Facebook) e site. O comunicador é responsável pela criação do site e sua manutenção.

O App Ilha Literária foi uma ferramenta criada pelo comunicador em parceria com o GT de Comunicação para facilitar a visualização das redes sociais e site pelas/os integrantes da Rede. Lá estão as páginas da Ilha, site, pôster, endereços e histórico das bibliotecas.

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES NO EIXO COMUNICAÇÃO

Coleta de informações sobre as Redes Locais no eixo Comunicação

Este instrumento faz parte do processo de construção das formações que compõem a Ação Entre-Redes e tem como objetivo colher informações que darão a base para que as/os formadoras/es construam os planejamentos dessas atividades.

É importante que as questões propostas sejam respondidas pelas/os integrantes de cada Rede que vai receber a formação, para que esse valioso momento de troca de experiências seja aproveitado da melhor maneira:

1. Nome da Rede Local que receberá a formação em Comunicação.

Releitura.

2. Nome das Instituições, no caso de alguma biblioteca funcionar em alguma delas.

Creche Escola Irma de Castro Lar Meimei (Olinda), Instituto Perú Arte e Cidadania (Jaboatão dos Guararapes) e Centro de Educação Popular Mailde Araújo – CEPOMA (Recife).

3. Nome das bibliotecas, tempo em que cada uma integra a Rede e bairro/município em que estão localizadas.

Biblioteca Popular do Coque – 10 anos (Recife);
Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura – 8 anos (Recife);
Biblioteca do Perú – 9 anos (Jaboatão dos Guararapes);
Biblioteca Comunitária Educ Guri – 5 anos (Recife);
Biblioteca Comunitária do CEPOMA – 10 anos (Recife);
Biblioteca Multicultural do Nasedouro – 10 anos (Recife);
Biblioteca Comunitária do Lar MeiMei – 9 anos (Olinda).

4. Nome dos integrantes e em qual biblioteca trabalham.

Biblioteca Popular do Coque – Rafael Andrade e Maria Betânia;
Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura – Fábio Rogério,
Selma e Diógenes;
Biblioteca do Perú – Hugo Maciel;

Biblioteca Comunitária Educ Guri – Sandro, Sthefano e Cícera;
Biblioteca Comunitária do CEPOMA – Isamar, Ilma e Maria Tenório;

Biblioteca Multicultural do Nascedouro – Fabiana e Daniel;

Biblioteca Comunitária do Lar MeiMei – Flávia e Marli.

5. Quantas pessoas participarão da formação, qual a função e há quanto tempo estão na Rede Local

Biblioteca Popular do Coque – Rafael Andrade e Maria Betânia (articuladores) – 10 anos;

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura – Fábio Rogério (articulador), Selma (articuladora) e Diógenes (administrativo) – 8 anos;

Biblioteca do Perú – Hugo Maciel (articulador) – 3 anos;

Biblioteca Comunitária Educ Guri – Sthefano (articulador) e Cícera (mediadora) – 5 anos;

Biblioteca Comunitária do CEPOMA – Isamar (articuladora) e uma mediadora – 10 anos;

Biblioteca Multicultural do Nascedouro – Fabiana (articuladora) e Daniel (mediador);

Biblioteca Comunitária do Lar MeiMei – Flávia (articuladora) e Marli (mediadora) – 9 anos.

6. A Rede possui uma pessoa responsável pela comunicação?

Sim. Rafael e Hugo (GT de Comunicação).

7. Algum integrante da Rede participa do GT de Comunicação na RNBC? Caso sim, listar nomes.

Sim. Rafael Andrade.

8. A Rede possui um GT de Comunicação? Se sim, qual a dinâmica de organização?

Sim. Atualmente não estão acontecendo as reuniões, mas há um grupo no Whatsapp. Será melhorado com a contratação de uma pessoa para a Assessoria de Comunicação.

9. Como se dá a comunicação interna da Rede? Como as informações circulam entre os integrantes? Citar todas as ferramentas.

Para cada ação ou assunto de urgência é enviado e-mail e também é comunicado no grupo de Whatsapp. Há também uma parte para informes nas reuniões mensais.

10. Como acontece a comunicação externa da Rede? Citar estratégias de comunicação *on-line* e *off-line*, incluindo as ações realizadas nas comunidades, as relacionadas à comunicação para a incidência política e para a divulgação da causa do Direito à Leitura, entre outras.

A comunicação externa se dá prioritariamente através da página do Facebook. Temos panfletos que precisam ser atualizados.

11. Há uma comunicação diferenciada voltada para o Enraizamento Comunitário e a Articulação Política? (p. ex.: comunicação voltada para os leitores/comunidade e comunicação voltada para o poder público)

Não.

12. A Rede possui um plano de comunicação ou outro documento que sirva de referência para as ações do coletivo? Caso tenham, nos enviem por e-mail.

Sim. Plano de comunicação, mas precisa de atualização. Enviado aos e-mails.

13. Quais redes sociais o coletivo utiliza? As redes sociais estão atualizadas? Qual a periodicidade das publicações?

Página do Facebook (atualizada), não há uma periodização, mas sempre quando há alguma atividade da Releitura tem uma postagem; blog e Instagram (desatualizados).

14. As bibliotecas possuem perfil/página nas redes sociais? Se a resposta for sim, insiram o link de acesso.

Biblioteca Popular do Coque:

Facebook <https://www.facebook.com/bibliotecapopularcoque/>, Instagram [@bpcoque](https://www.instagram.com/bpcoque/);

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura:

Facebook <https://www.facebook.com/biblioamigosdaleitura/>;

Biblioteca do Perú: Não há página própria, e sim da instituição:

Facebook <https://www.facebook.com/InstitutoPero/>;

Biblioteca Comunitária Educ Guri:

Facebook <https://www.facebook.com/BibliotecaEducGuri/>;

Biblioteca Comunitária do CEPOMA:

Facebook <https://www.facebook.com/ONGcepoma/>;

Biblioteca Multicultural do Nascedouro:

Facebook <https://www.facebook.com/BibliotecaMNascedouro/>;
Biblioteca Comunitária do Lar MeiMei: Não possui.

15. Quais são os principais desafios/fragilidades e as principais conquistas/avanços da Rede no eixo em questão?

Desafios e fragilidades são as atualizações do blog e que todas/os as/os integrantes saibam mexer nas redes sociais. Conquistas e avanços são as comunicações internas, já que com a utilização do grupo do Whatsapp as informações fluem mais rápido.

16. Na sua opinião, qual(is) aspecto(s) relacionado(s) à comunicação deve(m) ser foco do encontro Entre-Redes?

Captação de recursos, comunicação como estratégia para sustentabilidade.

17. Quais as expectativas do grupo para o encontro?

O grupo tem a expectativa de sair deste encontro entendendo melhor como funciona uma boa comunicação, principalmente a externa, a partir das experiências do outro. Cremos que, se tivermos exemplos de como comunicar bem, seja de um bom site, seja de uma boa postagem etc., conseguiremos tirar bastantes dúvidas em relação ao eixo.

ANEXO 4

PROPOSTA BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO

No caminho do amor ninguém se cansa porque nele se aprende a olhar de frente para o sol.

THIAGO DE MELO⁹

Depois de construir o planejamento e de organizar a programação, as/os formadoras/es deverão construir um instrumento de avaliação para cada encontro. Algumas reflexões importantes para que cada formadora/or dê seguimento à construção desse instrumento:

- O que você entende por avaliação?
- Para que (quais as intenções) avaliamos os processos de formação?

Após responder a essas questões, revise o planejamento que você elaborou e, a partir dele, construa um instrumento para avaliar o encontro de formação.

PARA REFLETIR:

Você já ouviu falar de Avaliação Mediadora?

VALE A PENA LER:

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática de construção da pré-escola à universidade. 25^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

⁹. Amadeu Thiago de Mello é um poeta e tradutor amazonense, reconhecido como um ícone da literatura regional.

ANEXO 5

MODELO DE PLANEJAMENTO – EIXO “COMUNICAÇÃO”

PLANEJAMENTO DA FORMAÇÃO NO EIXO “COMUNICAÇÃO”

Rota da (trans)Formação: Jangada Literária CE – Releitura – PE
Datas: 19 e 20 de julho de 2018
Formadora: Sâmia Ellen – (Jangada Literária/CE)

OBJETIVOS:

1. Promover uma reflexão sobre a importância da Comunicação e Visibilidade para o desenvolvimento da Rede Local;
2. Partilhar conhecimentos a partir das vivências da Rede de Leitura Jangada Literária;
3. Colaborar com o fortalecimento da Releitura, buscando identificar as fragilidades e reconhecer as fortalezas do grupo, possibilitando uma nova visão sobre a atuação do coletivo.

METODOLOGIA

Estratégia 1 (relacionada ao objetivo 1)

Mediação de leitura “O roubo dos patos” (dinâmicas, roda de discussão);

Estratégia 2 (relacionada ao objetivo 2)

Apresentação do Entre-Redes (utilizando os infográficos 1,2 e 3) e linha do Tempo da Rede de Leitura Jangada Literária;

Estratégia 3 (relacionada ao objetivo 3)

Dinâmica do Café Mundial, Tecendo as Memórias da Comunicação.

19 de julho (Manhã)

09:00h – Dinâmica de acolhimento.

Exposição para visitação. Distribuídos em um tapete estarão livros, peças gráficas e outros materiais de divulga o da Rede de Leitura Jangada Literária para que os integrantes da Releitura possam conhecer um pouco a história da Rede formadora. Será solicitado às/aos participantes que observem atentamente os materiais de

comunicação e questionado se se reconhecem nesse contexto, já que também atuam em um coletivo de bibliotecas comunitárias e, portanto, possuem algumas similaridades. Cada um deverá escolher um material (fôlder, bolsa, portfólio etc.), que servirá para o desenvolvimento da próxima atividade. A acolhida será essencial para o início da construção de um vínculo com as/os participantes da formação.

09:15h – Apresentação dos integrantes da Releitura e da Formadora.

- **Objetivo:** Como os participantes já se conhecem, o objetivo da atividade será promover uma integração entre a equipe. A dinâmica realizada será a “Cadeia de Afinidades”;
- **Desenrolar:** O grupo será organizado em círculo, em que cada participante já terá escolhido um material de divulgação da Rede de Leitura Jangada Literária na atividade anterior. As peças terão uma etiqueta com um número, que representará a ordem de apresentação das/os integrantes. Cada uma/um irá se apresentar dizendo o nome, uma qualidade/defeito, uma característica particular, as expectativas para a formação e finalizar dizendo uma motivação para estar integrando a Releitura. À medida que a pessoa estiver se apresentando, os colegas que se identificarem com alguma das características se aproximam e a tocam, depois retornam ao seu lugar. No fim, será possível fazer uma reflexão sobre as afinidades e diferenças identificadas e como estas podem interferir no relacionamento entre as pessoas e na dinâmica de atuação da Rede. Podemos destacar que as afinidades podem ser um ponto de referência, no sentido de aproximar o grupo, principalmente na motivação de se integrar à Rede;
- **Exemplo:** a Juliana se apresenta dizendo que é curiosa; se o Rafael se identificar com essa característica, ele fica próximo a ela; se ela disser outra característica que não o representa, ele poderá se sentar novamente. O mesmo será feito com todas/os as/os integrantes.

09:40h – Escolher duas pessoas para sistematizar o encontro (duas pela manhã e duas pela tarde).

Nesse momento, será possível fazer uma reflexão sobre a importância de ter os dados da Rede sistematizados, ou seja, uma formação como esta poderá trazer inúmeros aprendizados que devem estar registrados para que as/os integrantes que não puderem participar tenham a oportunidade de estar cientes do que foi discutido, como também as/os próprias/os participantes da formação poderão resgatar o material que foi produzido e refletir sobre o mesmo.

09:45h – O que é o Entre-Redes?

Esse momento será destinado à apresentação da metodologia utilizada na Ação Entre-Redes, como também às atualizações que foram realizadas durante o ano de 2018. Serão utilizados os infográficos do Entre-Redes.

10:00h – Linha do tempo da Rede de Leitura Jangada Literária no eixo “Comunicação” e Visibilidade.

Será apresentada a linha do tempo da Rede Jangada Literária, com todos os avanços e fragilidades, possibilitando aos integrantes da Releitura um novo olhar para a sua própria Rede Local.

10:40h – Lanche.

11:00h – Continuação da apresentação da linha do tempo seguida de roda de conversa para tirar dúvidas, esclarecer alguma questão etc.

11:40h – Senta que lá vem história: O roubo dos Patos – Rui Barbosa. Disponível em: <http://almanaquevenilomoraes.blogspot.com/2014/04/historias-atribuidas-rui-barbosa.html>

Será feita uma reflexão sobre a necessidade da clareza no ato de comunicar, instigando os participantes a dar continuidade na construção de uma visão mais aprofundada sobre a importância da comunicação, pensando em uma comunicação estratégica para o coletivo.

Texto

Diz a lenda que Rui Barbosa, ao chegar em casa, ouviu um barulho estranho vindo do seu quintal. Chegando lá, constatou haver um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo e, surpreendendo-o ao tentar pular o muro com seus amados patos, disse-lhe:

– Oh, bucéfalo anácroto! Não o interpelo pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes, mas sim pelo ato vil e sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação, levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa.

Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares da minha elevada prosopopéia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência do que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, diz:

– Doutor, eu levo ou deixo os patos??

12:00h – Almoço.

19 de julho (Tarde)

13:30h – Espanta bode (Integrantes da Releitura).

As/Os integrantes da Rede Local serão responsáveis por desenvolver essa atividade. Poderão utilizar histórias, músicas, dinâmicas, o formato é livre. A ideia é acordar e preparar o corpo e espírito para a continuidade das atividades.

13:50h – Mediação de leitura.

“Tecendo a Manhã”, de João Cabral de Melo Neto

*Poema publicado em livro em 1966. Extraído do blog “Poesia contra a guerra”.

*“Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzam
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma tela tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão”.*

14:00h – Café Mundial.

O Café Mundial é uma atividade que possibilita um processo de diálogos em grupos. Cada grupo se reunirá para discutir sobre um tema específico (*pergunta central que irá nortear a conversa*), e, durante a execução da atividade, as/os participantes poderão transitar entre os grupos, possibilitando a rotatividade de temas/grupos e uma visualização da transversalidade entre as temáticas discutidas.

- **Desenrolar:** No início da atividade, será disponibilizado um saco contendo algumas guloseimas (chocolates, pirulitos, bombons, pipocas e jujuba), e cada integrante escolherá um,

isso auxiliará na distribuição inicial dos grupos. A equipe será dividida em grupos menores, nesse caso, serão formados 4 grupos de acordo com a guloseima escolhida (p. ex.: grupo 1 – Pipoca, grupo 2 – Bombons, grupo 3 – Chocolate, grupo 4 – Jujuba), que discutirão sobre uma ou mais perguntas. Ao fim de cada rodada, que durará 15 minutos, as/os participantes deverão trocar de grupo, garantindo que todas/os possam participar e dialogar sobre os quatro temas. Cada grupo terá uma/um anfitriã/ão, e esses quatro escolherão as jujubas, ficando responsáveis por anotar o que foi discutido pelo grupo anterior, receber o novo grupo, dar as boas-vindas e brevemente compartilhar as informações adquiridas no diálogo anterior, possibilitando o surgimento de novas ideias para o outro grupo. Os demais componentes serão “viajantes”, que serão responsáveis por levar “Ideias-Chave”, temas e perguntas para os outros grupos em que se integrarem. Durante a dinâmica, serão incentivados a ligar e conectar as ideias que surgiram na conversa anterior, exercendo a escuta ativa e a reflexão sobre as contribuições das/os demais participantes. Após as quatro rodadas, os grupos se reunirão para dialogar sobre as ideias que surgirem durante os processos (60 minutos para o rodízio nos grupos e 30 minutos para a partilha de experiências no grupo);

- **Eixos de discussão.** GT de Comunicação/Comunicador/Plano de Comunicação:
 - Comunicação Interna/Comunicação Externa – Comunicação *on-line*/Comunicação *off-line*;
 - Comunicação, enraizamento comunitário, articulação política e sustentabilidade;
 - A função das redes sociais e o papel das bibliotecas no apoio à visibilidade da Rede.
- **Perguntas norteadoras:** Quais ações são realizadas nesse eixo? As ações têm possibilitado o alcance dos objetivos esperados? O que podemos fazer para avançar nesse sentido? Quais as estratégias e atividades que podem ser utilizadas/realizadas considerando o tempo de execução do plano de comunicação? Quais são e de que forma as/os integrantes da Rede se envolvem com as atividades de comunicação?

Eixo	Problema Identificado	Solução	Atividades que poderão ser realizadas	Responsável/ Prazo
GT de Comunicação Comunicador Plano de Comunicação				
Comunicação Interna/ Comunicação Externa - Comunicação <i>On-line</i> / Comunicação <i>Off-line</i>				
Comunicação, enraizamento comunitário, articulação política e sustentabilidade				
A função das redes sociais e o papel das bibliotecas no apoio à visibilidade da Rede				

16:40h – Avaliação do dia.

O que foi bom? O que podemos melhorar?

17:00h – Encerramento.

Roda de música e poesias.

Música: Presta atenção (Comadre Florzinha)

*Aí presta atenção menina por onde vai passar
Aqui vou desenhar a linha por onde eu passei
E não vou esperar o dia amanhecer
O dia amanheceu aí eu me levantei
E não me lembrava onde ficava a linha que desenhei (2x)*

Poesias de autoras/es pernambucanas/os. Livros:

Amplitude Compacta – Fred Cajú. 2ª ed. Castanha Mecânica, Paulista – PE, 2016.

O punho fechado no fio da navalha – Patrícia Maia. Castanha Mecânica, Paulista – PE, 2017.

Vire a página – Silvana Menezes. Paés, Recife, 2010.

Clamor Negro – Odailta Alves. Editora independente. Recife, 2016.

Gris – Cida Pedrosa. Cepe editora, Recife, 2018.

20 de julho (Manhã)

09:00h – Acolhida e Mediação de Leitura.

Roda de dança circular com a música:

Agradecer e Abraçar

Geronimo Duarte / Everaldo Calazans De Almeida Filho

Abracei o mar na lua cheia

Abracei o mar

Abracei o mar na lua cheia

Abracei o mar

Escolhi melhor os pensamentos, pensei

Abracei o mar

É festa no céu é lua cheia, sonhei

Abracei o mar

E na hora marcada

Dona alvorada chegou para se banhar

E nada pediu, cantou pra o mar (e nada pediu)

Conversou com mar (e nada pediu)

E o dia sorriu

Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema

Presente eu fui levar

E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi)

Me molhei no mar (e nada pedi) só agradei

Mediação de Leitura: Livro “Adeus”, publicado pela Cartonera do Mar em 2017, do escritor pernambucano Miró.

09:30h – Escolher duas pessoas para sistematizar o encontro (duas pela manhã e duas pela tarde).

Instigar os participantes sobre o processo de escrita no dia anterior. Como se sentiram sistematizando o encontro? Consideram isso importante para o coletivo?

09:40h – Tecendo as memórias da comunicação

O tecendo memórias é uma atividade realizada pela Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança, integrante da Rede de Leitura Jangada Literária. Essa ação possibilita o resgate de memórias a partir de narrativas literárias, cantigas e exposição de objetos, de preferência antigos, pois trazem à tona as recordações dos participantes.

A ideia é que cada participante da formação possa trazer um material que represente sua forma de comunicar (p. ex.: instrumento musical, caneta, microfone etc.) e um material de divulgação da sua biblioteca ou da Rede. O objetivo é que cada um possa apresentar

a sua forma de se comunicar e uma das formas que a Rede utiliza para se comunicar, possibilitando uma visualização das similaridades entre ambos. A partir dessa atividade poderemos pensar nas estratégias que a Rede está utilizando e em novas estratégias que possibilitem o desenvolvimento de sua comunicação. É importante que essa atividade seja realizada no espaço externo.

11:00h – Atualização do plano de comunicação de acordo com as informações levantadas no dia anterior (tabela preenchida a partir da atividade do Café Mundial).

Momento de projetar o plano e definir coletivamente quais ações serão priorizadas e quais serão as pessoas responsáveis pela execução.

12:00h – Almoço.

20 de julho (Tarde)

13:30h – Espanta bode (Integrantes da Releitura)

As/Os integrantes da Rede Local serão responsáveis por desenvolver essa atividade.

14:00h – Mediação de Leitura com integrantes da Releitura

As/Os integrantes da Rede Local serão responsáveis por desenvolver essa atividade.

14:00h – Continuidade de atualização do Plano de Comunicação.

15:30h – Lanche.

16:00h – Avaliação do encontro.

16:30h – Encerramento.

Música: Minha Ciranda, de Lia de Itamaracá

*Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
A melodia principal quem
Guia é a primeira voz
Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção*

MATERIAIS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS:

- Notebook;
- Projetor;
- Cartolinas;
- Papel sulfite;
- Pincel piloto;
- Fita adesiva;
- Barbante;
- Pregador de madeira;
- Tesoura;
- Canetinha;
- Materiais de divulgação da Releitura e Jangada Literária;
- Livros de literatura.

ANEXO 6

MODELO DE PROGRAMAÇÃO – EIXO “COMUNICAÇÃO”

Rota da (trans)Formação: Rede Ilha Literária/MA – RBCS/BA

Datas: 17 e 18 de outubro de 2018

Formador: Layo Bulhão (Ilha Literária/MA)

17/10/2018

MANHÃ

Roda com a facilitação de Layo – “Somos porque somos – UBUNTU”

09:00h – Apresentação das/os participantes e do formador.

09:30h – Expectativas para o encontro.

09:50h – Mediação de leitura: Livro “Expedição Leitura: Tesouro das Bibliotecas Comunitárias no Brasil”. Eixo Comunicação, p. 121.

10:05h – Apresentação da Ação Entre-Redes – Infográficos.

10:30h – Lanche.

10:45h – Conversa: “O que é comunicação?”

11:30h – Um olhar para si.

11:15h – Um olhar para o coletivo.

12:00h – Almoço.

TARDE

14:00h – Atividade para acordar o corpo: Espanta sono (relações e paridade).

14:30h – Mediação de leitura (Os integrantes da RBCS serão responsáveis).

15:30h – Comunicação estratégica.

16:10h – Atualização das mídias das bibliotecas e das Redes.

Encerramento /Finalização.

18/10/2018

MANHÃ

09:00h – Mediação de leitura: Livro “Expedição Leitura: Tesouro das Bibliotecas Comunitárias no Brasil”, p. 124.

09:15h – Círculo de palavras.

09:45h – Oficina de Fotografia.

10:00h – Lanche – retorna para fotografia.

11:00h – Oficina de criação visual Canvas e Adobe.

12:00h – Almoço.

TARDE

14:00h – Recepção: Sincronia 15.

14:20h – Um olhar para o plano de comunicação interno e externo da RBCS (Atualização).

15:50h – Lanche.

16:00h – Quais os sonhos da Rede enquanto coletivo?

16:40h – Avaliação *on-line*.

17:00h – Encerramento e despedida.

ANEXO 7

MODELO DE INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Rota da (trans)Formação: Rede Ilha Literária/MA – RBCS/BA

Datas: 17 e 18 de outubro de 2018

Formador: Layo Bulhão

(Ilha Literária/MA)

AVALIAÇÃO

(elaborada em formato *on-line*)

1. Em relação às estratégias utilizadas nos dois dias de formação, o que você aponta como:
 - Fragilidades;
 - Fortalezas.
2. Sobre as temáticas abordadas:
 - O que você poderá utilizar no seu trabalho?
 - O que não ficou claro e precisará ser aprofundado?
 - O que não foi suficientemente discutido e que poderá ser útil para o desenvolvimento da Rede Local?
3. Em relação à facilitadora, comente sobre:
 - As dinâmicas utilizadas;
 - O domínio sobre o conteúdo;
 - A clareza sobre os processos didáticos;
 - A interação com a Rede;
 - Adequação da linguagem.
4. Para você, há relevância em participar (receber formação) da Ação Entre-Redes?
5. Sobre o Acompanhamento Após a Formação, como a Rede espera que a formadora faça o acompanhamento das atividades após a formação?
 - Citar ferramentas (Skype, email, relatórios etc.) e periodicidade. (Esse ponto também deverá ser discutido coletivamente).

ANEXO 8

MODELO DE DEVOLUTIVA PARA A REDE QUE RECEBEU A FORMAÇÃO

Devolutiva da formação no eixo “Comunicação”

Rota da (trans)Formação: Jangada Literária CE – Releitura – PE

Datas: 19 e 20 de julho de 2018

Formadora: Sâmia Ellen (Jangada Literária/CE)

SUGESTÕES PARA A REDE QUE RECEBEU A FORMAÇÃO A PARTIR DO PROCESSO VIVIDO

Reconhecer-se enquanto formador é saber que o formador também se constrói durante o Percorso Formativo, como bem colocou Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*: “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. (...)”. Por isso, gostaria de, primeiramente, agradecer por todo aprendizado que vocês me proporcionaram durante essa trajetória, sabendo que o Entre-Redes não acontece apenas em dois dias, mas há um processo antes e depois do nosso encontro presencial, e é uma alegria saber que continuaremos tecendo juntos, pois já me sinto parte desse coletivo.

Por meio deste documento, busco promover com muito cuidado e carinho algumas reflexões para esse grupo. Não sei se farão sentido neste momento, mas acredito que o olhar de quem está “de fora” pode trazer algumas informações preciosas para o desenvolvimento da Releitura.

Durante os dois dias, me senti bastante acolhida por todos os integrantes, e acredito que essa abertura e recepção dos membros me deixaram mais à vontade para trocar experiências. Percebi que estavam interessados em conhecer a realidade da Rede da qual faço parte, mas, apesar do nítido interesse em estar no espaço, notei em alguns momentos o grupo um pouco disperso. Isso pôde ser notado durante os intervalos das atividades, no quesito da falta de pontualidade nos retornos e durante a execução das próprias dinâmicas: em alguns momentos, somente algumas pessoas conseguiram dialogar sobre as temáticas. Isso pode ter prejudicado um pouco, porque a fala, a contribuição e a escuta ativa de todos os integrantes são de suma importância, principalmente nesses processos de formação/deliberação.

Essa questão do “se colocar” e/ou “se permitir” também é fundamental. Em uma das formações das quais participei foi falado sobre o *modelo de aprendizagem 70-20-10*, que diz que 70% do nosso aprendizado vem das nossas experiências, 20% observando as experiências dos outros e 10% através de oficinas, cursos e outros espaços formativos. Não sei se concordam com essas informações, mas o que quero trazer para esse coletivo é que é possível aprender fazendo, ou seja, todos são capazes de aprender sobre comunicação durante a execução das atividades da Rede, para isso faz-se necessária uma distribuição das tarefas entre todas/os.

As atividades voltadas para o eixo “Comunicação” e Visibilidade não devem estar centralizadas no Comunicador/GT de Comunicação, mas sim divididas entre o grupo, isso potencializará a atuação do coletivo tanto internamente quanto externamente. Uma das necessidades percebidas pelo grupo e por mim, durante os dois dias, foi a de realização de formação continuada que pode ser realizada pelos próprios membros da Rede. Os que possuem mais propriedade sobre um tema poderão promover formações para aqueles que apresentam mais dificuldade.

Podemos destacar a necessidade da formação sobre a utilização do Google Drive, pois a comunicação interna influencia diretamente na externa. Portanto, faz-se necessário que todos estejam cientes do que está acontecendo, como também tenham acesso aos instrumentais que são essenciais para a execução do trabalho. É possível citar também a formação sobre fotografia, utilização do Facebook e outras demandas que forem surgindo ao longo do percurso. Essa ideia não é limitada ao eixo que trabalhamos, mas pode ser utilizada de acordo com as especificidades apresentadas.

Gostaria de falar sobre algumas questões que me trouxeram algumas reflexões. Uma delas foi o conflito que aconteceu no segundo dia e que me deixou preocupada e aliviada ao mesmo tempo, pois uma Rede que “lava roupa suja” é uma Rede que se desenvolve. Fiquei feliz por perceber que a Rede está trabalhando nisso, mas acredito que o grupo pode pensar em convidar um mediador de conflitos, que ajude a pensar melhor sobre algumas questões internas que precisarão de tempo para serem resolvidas ou, no mínimo, discutidas. Lembro que o mediador deve ser, de preferência, alguém que não tenha relações com o coletivo, pois essa aproximação poderá prejudicar a discussão. Espero que esse encontro aconteça o mais rápido possível, pois essa transparência evita possíveis desgastes e aumenta a confiança entre o grupo.

O segundo ponto, na verdade, é uma questão: Qual espaço a Releitura tem reservado para a comunicação? Sei que, no geral,

há o reconhecimento da sua importância, isso é notório quando observamos a estruturação da Rede, pois existe 1 Plano de Comunicação, 1 Comunicador e 1 GT de Comunicação, mas, como discutido anteriormente, a comunicação deve ser algo coletivo. Em alguns momentos, percebi que nem todos estavam engajados nessas questões. Na atividade do plano de comunicação, os grupos a fizeram muito rapidamente. Precisamos avaliar se essa rapidez é um ponto positivo ou negativo, talvez pudéssemos ter aproveitado mais o tempo disponível. Como também a não execução de forma adequada da atividade “Tecendo as memórias da comunicação”, pois nem todos trouxeram os materiais solicitados.

Vimos que a comunicação, assim como os outros eixos, é um tema transversal, então ela está ligada a todos os temas que a Rede trabalha, incluindo a sustentabilidade, que é uma das questões centrais do grupo. Acredito que seja preciso apenas pensar em estratégias que possibilitem a comunicação voltada para a articulação política e o enraizamento comunitário, tendo em mente que isso influenciará diretamente na sustentabilidade, pois ter a comunidade como parceira fortalece as pautas e ações que o grupo apresenta/realiza. Sendo assim, pensar também na atualização do site/blog, que é uma ferramenta direta para formar parcerias, pois o primeiro canal que as instituições pesquisam são esses.

Para finalizar, quero agradecer novamente por tudo que me proporcionaram, e lembrem sempre que o olhar que apresento neste arquivo é o olhar de uma formadora em formação. Espero que, de alguma forma, tenha contribuído com esse coletivo e que possamos continuar trocando figurinhas.

PONTOS DE ATENÇÃO

- Cuidado com a centralização nas falas. É preciso que haja o espaço de fala para as pessoas que pouco falam. Referência para leitura – O que é um grupo? – Madalena Freire <http://www.famema.br/famema/ensino/pdd/docs/oqueeumgrupo.pdf>;
- Depois do processo de mediação de conflitos, a Rede poderá traçar, com mais confiança, as estratégias de sua expansão;
- Finalização e compartilhamento do plano de comunicação;
- Construção do plano de formação da Rede para 2019;
- Realização de uma formação sobre fotografia, utilização do Facebook, Drive etc.

Reunião por Skype (Mensal ou bimestral)

Troca de emails (Quinzenal ou mensal)

Eu não sou você, você não é eu (Madalena Freire)

Eu não sou você

Você não é eu

Mas sei muito bem de mim

Vivendo com você.

*E você, sabe muito de você
vivendo comigo?*

Você não é eu.

Mas foi vivendo minha solidão

Que conversei com você

*E você, conversou comigo na sua
solidão?*

Ou fugiu dela, de mim e de você?

Eu não sou você

Você não é eu.

Mas encontrei comigo e me vi

Enquanto olhava pra você

Na sua, minha insegurança

Na sua, minha desconfiança

Na sua, minha competição

Na sua, minha birra infantil

Na sua, minha omissão

Na sua, minha firmeza

Na sua, minha impaciência

Na sua, minha prepotência

Na sua, minha fragilidade doce

*Na sua, minha mudez
aterrorizada.*

*E você se encontrou e se viu,
enquanto olhava a pra mim?*

Eu não sou você

Você não é eu

*Mas sou mais eu, quando con-
sigo lhe ver.*

Porque você me reflete

No que eu ainda sou

No que já sou e

No que quero vir a ser...

Eu não sou você

Você não é eu

Mas somos um grupo, enquanto

*somos capazes de,
diferenciadamente,*

*eu ser eu, vivendo com você
e você ser você, vivendo
comigo.*

Eu não sou você

ANEXO 9

MODELO DO RELATÓRIO CONSTRUÍDO PELAS/OS FORMADORAS/ES APÓS TODO O PROCESSO VIVENCIADO

PROGRAMA DE FORMAÇÃO

Eixo formativo: Comunicação
Formadora/or: Sâmia Ellen
Rede Local: Releitura
Período: 19 e 20 de julho de 2018

1ª Etapa: Fase do planejamento

Processo de construção	
Aprendizados	Durante as reuniões e diálogos com os assessores e demais formadores, foi possível aprender alguns caminhos para construção de um planejamento, como, por exemplo, o registro de aprendizagens e o questionário para levantamento de dados, levando em consideração que o centro do planejamento é sempre o grupo que recebe a formação, sendo assim é um documento produzido sob medida e que poderá servir como inspiração para outro formador. Foi possível aprender ainda como fazer a adaptação do material, no caso, transformar o planejamento em programação, para que fosse enviado aos integrantes, e, por último, o instrumento de avaliação do encontro, que teve de contemplar todas as questões pertinentes, como dinâmica da formação, conteúdos, horários etc.
Descobertas	Por meio do processo de planejamento da atividade, foi possível reconhecer o potencial da minha própria Rede, através da sistematização dos saberes construídos ao longo dos anos de atuação, a fase de elaboração da programação, que buscava compartilhar as experiências e pensar em estratégias que pudessem contribuir para o fortalecimento da Releitura. Algo que impactou bastante foi como a horizontalidade nos processos facilita a construção dessa trajetória formativa, pois conseguimos dialogar melhor a respeito de questões fundamentais para a realização das atividades planejadas.

<p>Desafios</p>	<p>Acredito que um dos maiores desafios nesse processo foi planejar uma programação para dois dias, sendo que não tinha muito conhecimento sobre a atuação do grupo no eixo que foi trabalhado. Contudo, por meio de um contato inicial, aplicação do questionário e visitas aos perfis das bibliotecas e da Rede, atrelada à minha experiência de atuação, foi possível conhecer um pouco melhor a realidade dos integrantes e pensar um planejamento que pudesse contemplar questões importantes para eles.</p>
------------------------	---

2ª Etapa: Execução da formação

<p>1º DIA – Data: 19 de julho Local: Centro de Cultura Luiz Freire Horário: das 8h às 17h</p>	
<p>Percepções da/o formadora/or</p>	<p>Me senti bastante acolhida pelo grupo desde o primeiro dia. Esse sentimento colaborou bastante para um melhor aproveitamento dos dois dias, pois me senti mais segura para a execução do planejamento. Iniciei fazendo uma dinâmica de apresentação e trazendo informações importantes sobre a realidade da minha Rede Local. Logo no início solicitei que duas pessoas pudessem fazer a sistematização do dia e percebi um pouco de resistência para a execução dessa atividade. Isso me fez trazer um ponto importante para reflexão: as atividades voltadas para o eixo “Comunicação” e Visibilidade não devem estar centralizadas no Comunicador/GT de Comunicação, mas sim divididas entre o grupo. Percebi ainda que a comunicação deve ser percebida como um ponto de atenção para o coletivo, pois a mesma está ligada a aspectos internos e externos, sendo assim, direciona muita ações do grupo. A dinâmica do Café Mundial possibilitou ainda um diálogo mais aprofundado sobre as temáticas, mas senti que o coletivo poderia ter aproveitado melhor o tempo. Em geral, percebi que estavam interessados em conhecer a realidade da Rede da qual faço parte, mas, apesar do nítido interesse em estar no espaço, notei em alguns momentos o grupo um pouco disperso, isso pôde ser notado durante os intervalos das atividades, no quesito da falta de pontualidade nos retornos e durante a execução das próprias dinâmicas. Em alguns momentos, somente algumas pessoas conseguiram dialogar sobre as temáticas, acredito que isso tenha prejudicado um pouco, porque a fala, a contribuição e a escuta ativa de todos os integrantes é de suma importância, principalmente nesses processos de formação/deliberação.</p>

2º DIA – Data: 20 de julho

Local: Centro de Cultura Luiz Freire

Horário: 8h às 17h

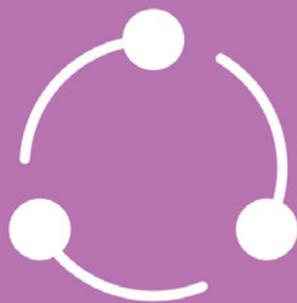
Presenças

**Percepções
da/o
formadora/or**

No segundo dia, para além das atividades de acolhimento e escolha das pessoas para a sistematização, propus uma atividade para que os membros pudessem lembrar-se do percurso que trilharam no que se refere ao eixo “Comunicação”. Esse resgate fez gerar um conflito que me deixou preocupada e aliviada ao mesmo tempo, pois uma Rede que “lava roupa suja” é uma Rede que se desenvolve. No entanto, tive a dimensão de que não poderia ir além daquilo, pois o coletivo precisaria de um mediador de conflitos que o ajudasse a pensar melhor sobre algumas questões internas que precisarão de tempo para ser resolvidas ou, no mínimo, discutidas. Mas essa discussão foi fundamental para que o grupo pudesse constatar que a comunicação engloba todos os outros eixos, sendo assim merece uma atenção especial, pois influencia diretamente nas relações internas e externas.

3ª Etapa: Sugestões e orientações para a Rede

- Cuidado com a centralização nas falas;
- Depois do processo de mediação de conflitos, a Rede poderá traçar, com mais confiança, as estratégias de para sua expansão;
- Finalização e compartilhamento do plano de comunicação da Rede;
- Atualização do Plano de Comunicação da Rede para 2019;
- Realização de uma formação sobre fotografia, utilização do Facebook, Drive etc;
- Momento para mediação de conflitos.



Entre-Redes



O QUE É?

...

A ação Entre-Redes tem por objetivo ampliar o potencial formativo das Redes Locais de Leitura, a partir do compartilhamento de saberes construídos ao longo da participação no Programa Prazer em Ler.



POR QUE REALIZAR?

...

RECONHECIMENTO

As Redes passarão a atuar com base no conhecimento das suas fortalezas e necessidades.



AUTONOMIA

Os encontros de formação serão planejados e executados pelas/os integrantes das Redes.



SUSTENTABILIDADE

As Redes se apoiarão mutuamente e poderão prestar serviços nas áreas de formação do Programa Prazer em Ler.





COMO ACONTECE?

1



A equipe de assessoria elabora e envia às/aos integrantes das Redes Locais um questionário para coletar, em ordem de prioridade, informações sobre as suas fortalezas e as suas necessidades em relação aos eixos do PPL.

2



O coletivo indica (no questionário) 2 representantes com potencial multiplicador dos conhecimentos referentes ao eixo em que a Rede mais se destaca, para participar de um processo de seleção. Ao final, cada Rede Local terá 1 representante integrando a equipe de formadoras/es do Entre-Redes, juntamente com a assessoria do PPL.

3



A equipe de formadoras/es das Redes participa de reuniões presenciais e virtuais com a assessoria, para apresentação da metodologia do Entre-Redes, planejamento dos encontros, construção de instrumentos, monitoramento e avaliação.

4



Realizam-se encontros presenciais - Rota da (trans) Formação, visando a troca de saberes e experiências relacionadas aos eixos, de acordo com as respostas aos questionários.

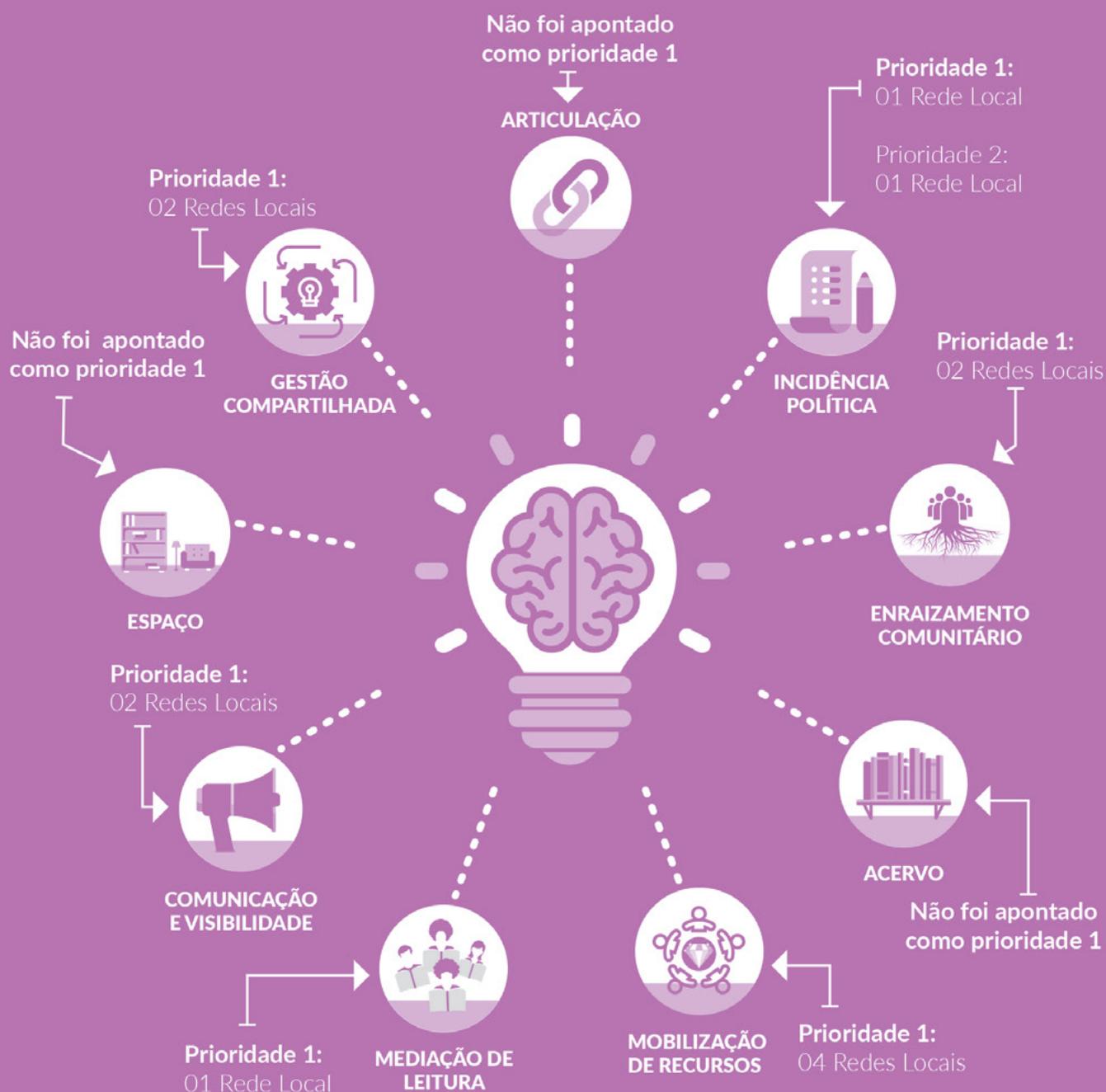
5



A cada encontro, as/os participantes da ação Entre-Redes (equipe de formadoras/es e Redes Locais) avaliam o processo vivenciado (os encontros de formação e as experiências de aprendizagem anteriores), mediante preenchimento de instrumento específico.

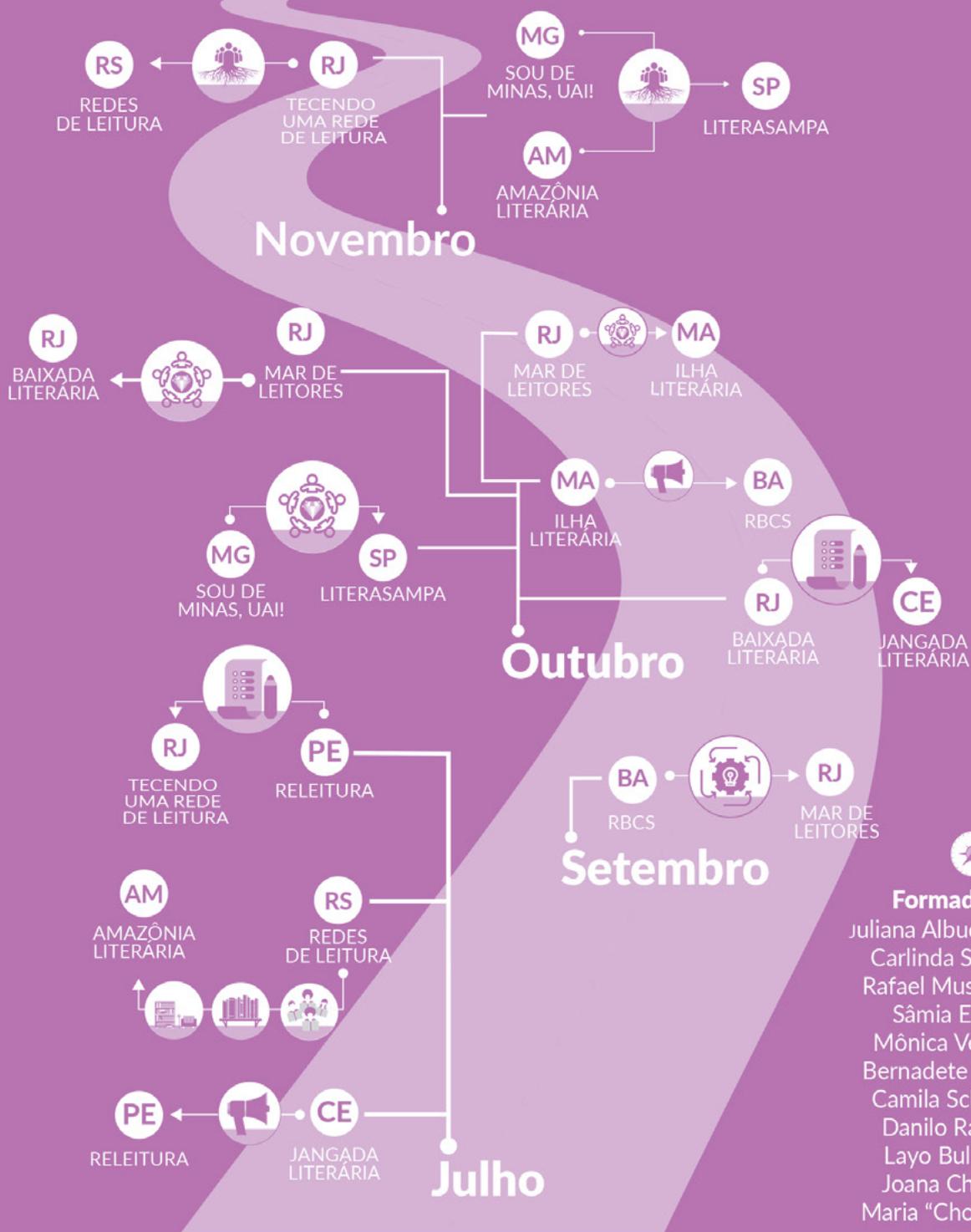
Necessidades de FORMAÇÃO

~ 2018 ~



ROTA das TRANS

Formações





PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO NAS REDES LOCAIS

ITINERÁRIO PARA AS/OS FORMADORAS/ES

1

ANTES (ORGANIZAÇÃO INTERNA)

Resgatar e registrar (coletivamente) todo conhecimento acumulado pela Rede sobre o eixo a ser discutido no encontro de formação.

O QUE SABEMOS?

Garantir momentos para estudar autoras/es que escreveram sobre aquele determinado tema e que possam dar suporte teórico para o desenvolvimento das práticas existentes.



DOCUMENTO 01
(registro dos conhecimentos desenvolvidos na Rede acerca do eixo formativo)

DO QUE AS REDES LOCAIS PRECISAM?

Levantamento de informações acerca das demandas da Rede que receberá formação relacionada ao eixo específico.

Definição dos objetivos e da metodologia do encontro de formação, a partir das informações coletadas anteriormente.

ANTES (ORGANIZAÇÃO EXTERNA)

2

DOCUMENTO 02
(Questionário)
DOCUMENTO 03
(Planejamento detalhado)

3

ANTES (ORGANIZAÇÃO E REFLEXÃO)

Organização do tempo em função do conteúdo formativo.

Garantia de momentos que possibilitem a reflexão sobre o processo vivenciado.

DOCUMENTO 04
(Programação do encontro)
DOCUMENTO 05
(Instrumento de avaliação)



O QUE CONSTRUIREMOS?

Neste espaço de troca de experiência, é preciso garantir tempo e espaço para:

- Acolhimento
- Mediação de leitura
- Exercício da escuta ativa
- Leitura coletiva de textos teóricos
- Definição dos combinados do encontro
- Cuidado com os tempos das falas
- Desenvolvimento de atividades corporais
- Registro das atividades
- Encerramento
- Modificações no percurso traçado, caso seja necessário

5

DEPOIS (SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA)

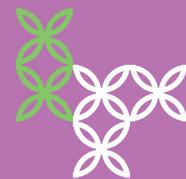
Registro de todo o caminho percorrido pelas/os formadoras/es na fase inicial da construção da ação (planejamento, programação e avaliação do encontro).

Registro referente à etapa de execução da formação (percepções da/do formadora/or acerca da programação proposta, mudanças ocorridas, integração e reação do grupo).

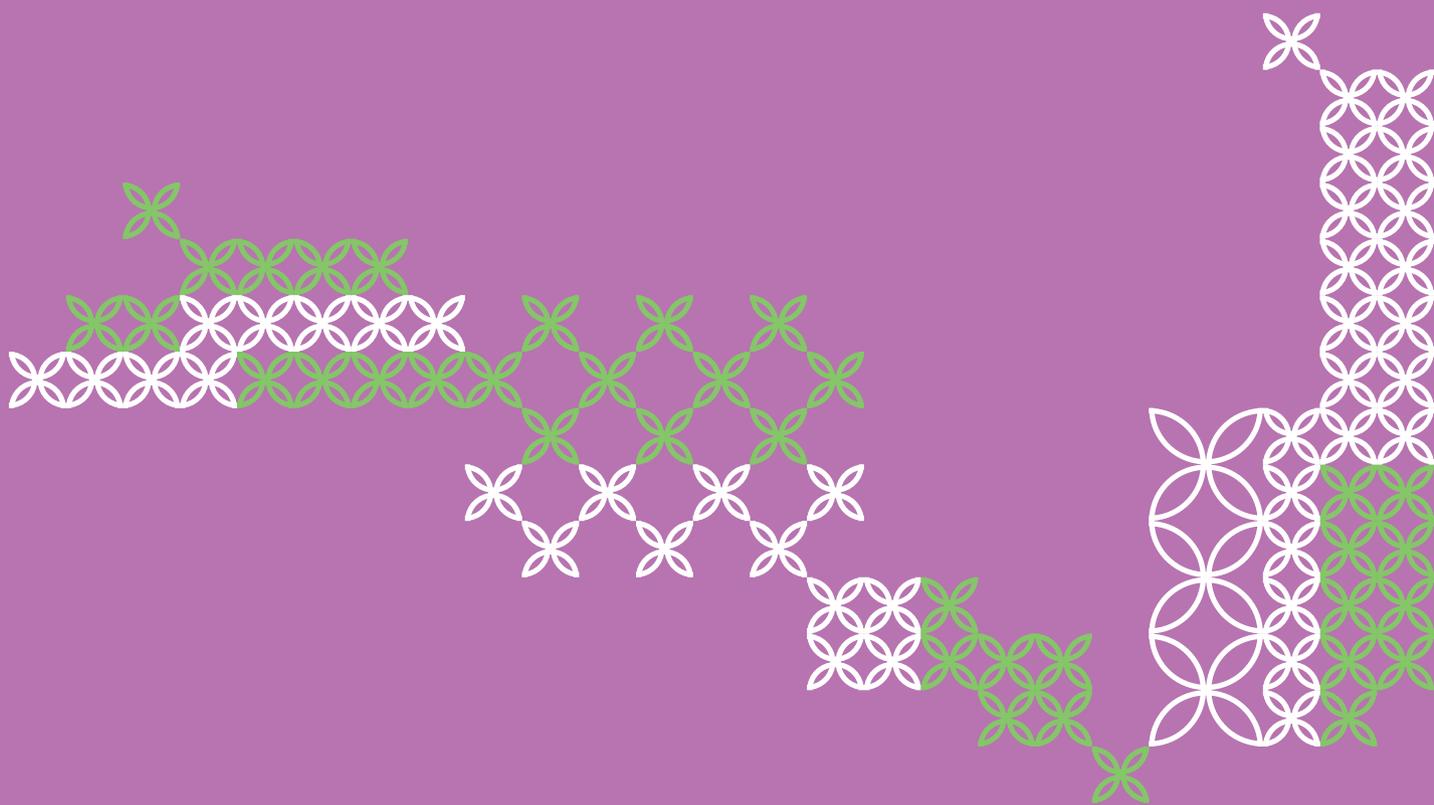


DOCUMENTO 06
(Relatório de todo o processo vivenciado)

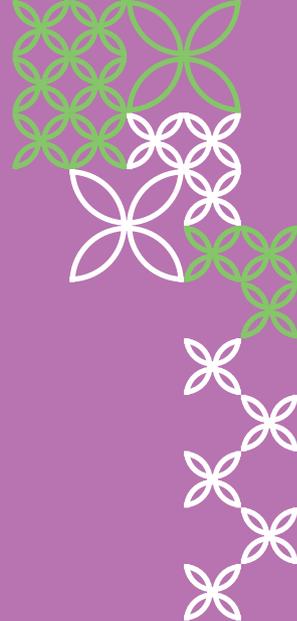
AGRADECIMENTOS



Registrar as memórias e experiências por meio da escrita é deixar um legado, é compartilhar saberes e, assim, torná-los perenes. Por essa razão, agradecemos a todos e todas que se dispuseram a deixar sua marca neste texto, tecido por tantas mãos. Não apenas as das/os formadoras/es, sistematizadoras/es e/ou assessoras/es, mas sim de todas/os aquelas/es que estão na ponta, ou melhor, na base do trabalho desenvolvido pelas bibliotecas comunitárias. Esta publicação é fruto da experiência acumulada pelas bibliotecas em suas ações de organização de espaço e acervo, mediação de leitura, enraizamento comunitário, articulação, incidência política, gestão compartilhada, comunicação e mobilização de recursos, dimensões essenciais que vêm sendo construídas coletiva e cotidianamente há mais de 10 anos. Gratidão aos que deixaram sua marca neste trabalho. Sabemos que esse é o início de uma bela trajetória.



Sobre a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC

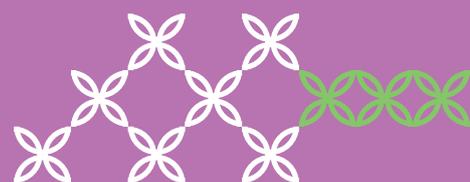


A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) é um movimento de democratização do acesso ao Livro, à Leitura, à Literatura e à Biblioteca, atuante em diversas cidades do Brasil. Teve origem na articulação entre as Redes Locais de Bibliotecas Comunitárias, incentivadas pelo Programa Prazer em Ler – ação de apoio e incentivo à leitura, do Instituto C&A, que auxiliou, de 2009 a 2018, espaços de leitura criados e mantidos por organizações sociais e culturais em diversas comunidades.

A atuação da RNBC é pautada nos princípios de Gestão Compartilhada, Cooperação, Imparcialidade partidária e ideológica, Autonomia, Transparência, Democracia e Respeito à Diversidade, a partir da perspectiva de garantia do Direito Humano à Leitura. Com o objetivo de fortalecer a ação das Bibliotecas Comunitárias (BCs) na promoção e incentivo à leitura de forma lúdica e prazerosa, orienta suas ações com base em nove eixos temáticos: Espaço, Acervo, Mediação de Leitura, Gestão Compartilhada, Enraizamento Comunitário, Comunicação, Articulação, Incidência Política e Mobilização de Recursos.

Tanta coisa junta e misturada para incentivar a leitura? É isso mesmo! Para estimular a prática da leitura nas bibliotecas comunitárias que são frequentadas pela população dos bairros mais periféricos dos municípios do Brasil, é necessário se dedicar a um constante processo formativo e a uma busca entusiástica por conhecimentos e troca de experiências. Lutar pela Leitura como Direito Humano e levar a Literatura a todos e todas exige muita dedicação, inovação e ousadia. É isso que as/os integrantes da RNBC buscam com muita intensidade.

Para que os conhecimentos e aprendizados construídos não se percam, mas circulem por todos os lugares e entre todas as pessoas dispostas a levantar essa bandeira, foi criada uma metodologia de Formação Continuada baseada nas experiências construídas ao longo dos anos de existência das Redes Locais. Trata-se de uma frente de trabalho que reconhece a capacidade e as experiências exitosas de cada Rede de Biblioteca Comunitária nos eixos temáticos e, ao mesmo tempo, dialoga com a necessidade de outra Rede



em determinados eixos, construindo Rotas de (trans)Formações. De uma forma bem propositiva, o Entre-Redes vai tecendo e entrelaçando saberes e experiências, interligando histórias e construindo outras à medida que os encontros acontecem.

As/Os Formadoras/es e Sistematizadoras/es indicadas/os por suas Redes Locais levam em sua voz, em seu sotaque, a história de muitos outros que colaboram na construção dos saberes. Assim, ora ou outra, uma mala começa a ser arrumada, levando o que se aprendeu na prática e deixando um espaço para trazer outros aprendizados dessa experiência. No Entre-Redes ninguém vai sozinho, nem volta com menos do que levou, traz sempre algo novo, tanto o quanto deixou.



Equipe de formadoras do eixo “Comunicação”	Layo Bulhão – Rede Ilha Literária (MA) Rafael Mussolini – Rede Sou de Minas, Uai! (MG) Sâmia Ellen Amaro dos Santos – Rede Jangada Literária (CE)
Equipe de Assessoria	Érica Verçosa Camila Leite Adriano Guerra
Instituto C&A	Giuliana Ortega – Diretora Executiva do Instituto C&A Joana Castelo Branco – Gerente de Comunicação Patrícia Lacerda – Gerente de Educação Janine Schutz – Coordenadora de Educação Jéssica Oliveira – Assistente de Educação
Equipe do Programa Prazer em Ler	Janine Durand – Assessora de Promoção da Leitura Cida Fernandez – Consultora de Incidência Política Liliane Costa Reis – Consultora de Planejamento, Monitoramento e Avaliação Nísia Werneck – Consultora do Projeto Legado Érica Verçosa – Assessora de Bibliotecas Comunitárias e Desenvolvimento de Redes Camila Leite – Assessora de Bibliotecas Comunitárias e Desenvolvimento de Redes Adriano Guerra – Assessor de Bibliotecas Comunitárias e Desenvolvimento de Redes
Itaú Social	Fábio Barbosa – Vice-presidente Angela Dannemann – Superintendente Tatiana Bello Djrdjrjan – Gerente de Programas Carlos Eduardo Garrido – Coordenador de Formação Claudia Petri – Especialista de Formação
Conselho Gestor RNBC	Jangada Literária (CE) – Alilian Gradela e Janaina Gomes Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (BA) – Lilian Lis e Solange Souza do Espírito Santo Rede Mar de Leitores (Paraty – RJ) – Angie Mendonça e Marco Cachada Rede Sou de Minas, Uai! (MG) – Daniela Praça e Cleide Moura Rede Baixada Literária (Nova Iguaçu – RJ) – Louise Moura e Mônica Verdam Rede Literasampa (SP) – Danilo Ramos e Cristiane Lima Tecendo uma Rede de Leitura (RJ) – Maria Chocolate e Shirley Garrido Redes de Leitura (RS) – Viviane Peixoto e Andréia Cardoso Rede Ilha Literária (MA) – Wandeth dos Santos e Flaviomar Medeiros Rede Amazônia Literária (PA) – Joana Chagas e Rita Melém Releitura (PE) – Maria Betânia e Sthefano Santana
Organização	Érica Verçosa Camila Leite Adriano Guerra
Revisão	Selma Monteiro
Infográficos	Debora Pimenta
Projeto Gráfico	Santiago Régis

coleção

E N T R E S
- R E D E S

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P429

Percurso formativo [recurso eletrônico] : saberes das bibliotecas comunitárias – comunicação / Adriano Guerra, Camila Leite, Érica Verçosa, organizadores; [autores] Bernadete Passos... [et al.]. – São Paulo: Ibeac, 2019. – (Coleção Entre-Redes; 2)

1 recurso online (93 p.)

ISBN 978-85-88344-11-2

Tressino, Camila; Lima, Carlinda; Ramos, Danilo; Chagas, Joana; Albuquerque, Juliana; Bulhão, Layo; Chocolate, Maria; Verdam, Mônica; Mussolini, Rafael; Alves, Sâmia.

1. Bibliotecas comunitárias – práticas formativas. 2. Processos formativos. 3. Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias – RNBC. I. Guerra, Adriano. II. Leite, Camila. III. Verçosa, Érica. IV. Título. V. Série.

CDU 027.4:37-052

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810

O uso de um idioma que não discrimine e nem marque diferenças entre homens e mulheres é uma das preocupações da RNBC. Porém, não há acordo entre os linguistas sobre a maneira como fazê-lo. Dessa forma, a conjugação dos dois gêneros ao longo do texto é uma opção política, em função da ausência de alternativas linguísticas capazes de romper com uma estrutura social patriarcal, que confere ao gênero masculino o status de padrão quando o texto se refere a ambos os sexos.